

A TRAGÉDIA DE HAMLET, PRÍNCIPE DA DINAMARCA

de William Shakespeare

Tradução de José Rubens Siqueira

Dramatis Personae

Cláudio, rei da Dinamarca

Hamlet, filho do rei morto, sobrinho do rei atual

Polônio, secretário de estado

Horácio, amigo de Hamlet

Laerte, filho de Polônio

Voltimando, cortesão

Cornélio, cortesão

Rosencrantz, cortesão

Guildestern, cortesão

Osric, cortesão

Um cavaleiro, cortesão

Um sacerdote

Marcelo, oficial

Bernardo, oficial

Francisco, soldado

Reinaldo, criado de Polônio

Atores

Coveiro

Coveiro 2

Fortinbras, príncipe da Noruega

Um capitão norueguês

Embaixadores ingleses

Gertrudes, rainha da Dinamarca, mãe de Hamlet

Ofélia, filha de Polônio

Fantasma do pai de Hamlet

Damas, cavaleiros, oficiais, soldados, marinheiros, mensageiros, criados

CENA – Elsinore, Dinamarca

ATO I

Cena 1

Castelo de Elsinore. Uma plataforma diante do castelo

Francisco de sentinela.

Entra Bernardo.

BERNARDO – Quem é?

FRANCISCO – Não, você responde. Alto, diga quem é.

BERNARDO – Viva o rei!

FRANCISCO – Bernardo?

BERNARDO – Eu.

FRANCISCO – Teve o cuidado de chegar bem na hora.

BERNARDO – Acabou de dar meia noite. Vá para a cama, Francisco.

FRANCISCO – Eu agradeço muito por esse alívio. Está frio demais! Dá até tristeza.

BERNARDO – Foi calma a sua guarda?

FRANCISCO – Não vi nem um rato.

BERNARDO – Boa noite, então. Se encontrar Horácio e Marcelo, meus parceiros de guarda, apresse os dois.

Entram Horácio e Marcelo.

FRANCISCO – Acho que são eles. Alto lá! Quem é?

HORÁCIO – Bons patriotas.

MARCELO – Fiéis ao rei dinamarquês.

FRANCISCO – Boa noite então.

MARCELO – Ah, adeus, meu bom soldado. Quem te rendeu?

FRANCISCO – Bernardo ficou no meu lugar. Boa noite então.

Sai Francisco.

MARCELO – Bernardo!

BERNARDO – Quem... O que? É Horácio?

HORÁCIO – Um pedaço de mim.

BERNARDO – Bem vindo, Horácio. Bem vindo, Marcelo.

MARCELO – E então? A coisa apareceu de novo?

BERNARDO – Eu não vi nada.

MARCELO – Horácio diz que não passa de fantasia nossa, que não vai se render à credence dessa visão horrenda que duas vezes já apareceu para nós. Então insisti que viesse junto, vigiar conosco os minutos desta noite, para, no caso da aparição surgir de novo, ele acreditar no que nós vimos e falar com ela.

HORÁCIO – Que o quê! Não vai aparecer.

BERNARDO – Sente um pouco, e deixe a gente atacar mais uma vez o seu ouvido, tão defendido contra a nossa história, com o que a gente viu nessas duas noites.

HORÁCIO – Bom, vamos sentar e ouvir Bernardo contar o que sabe.

BERNARDO – Noite passada, quando essa mesma estrela que está para cá do polo já tinha ido iluminar essa parte do céu onde está queimando agora, Marcelo e eu, o sino batendo uma hora....

Entra o Fantasma.

MARCELO – Shh! Fique quieto! Olhe! Vem vindo ali de novo!

BERNARDO – Igualzinho ao rei que morreu.

MARCELO – Você é intruído. Fale com ele, Horácio.

BERNARDO – Não é igualzinho ao rei? Olhe bem, Horácio.

HORÁCIO – Igual. É espantoso. Dá medo.

BERNARDO – Quer conversar!

MARCELO – Fale com ele, Horácio.

HORÁCIO – O que é que usurpa assim esta hora da noite e a figura nobre e guerreira com que marchou um dia a majestade da finada Dinamarca? Por Deus, eu ordeno que fale!

MARCELO – Ficou ofendido.

BERNARDO – Olhe, está indo embora!

HORÁCIO – Pare! Fale! Fale! Eu ordeno: fale!

Sai o Fantasma.

MARCELO – Foi embora e não quis responder.

BERNARDO – E então, Horácio? Está tremendo, pálido. Não acha que isto é mais que fantasia? O que você acha?

HORÁCIO – Juro por Deus, eu não podia acreditar sem a prova concreta e verdadeira de ver com os meus próprios olhos.

MARCELO – Não é idêntico ao rei?

HORÁCIO – Como você com você mesmo. Foi essa a armadura que usou para lutar com a ambiciosa Noruega. E desse jeito franziu a testa numa violenta conferência em que esmagou no gelo os poloneses com os seus trenós. É estranho.

MARCELO – Já duas vezes antes, nesta hora morta, passou por nós com esse passo guerreiro.

HORÁCIO – Nem sei que rumo dar para o meu pensamento. Na minha opinião, isso é, por assim dizer, sinal de alguma estranha comoção no reino.

MARCELO – Bom, vamos sentar. Me diga só uma coisa: por que esta guarda tão severa, tão estrita, que toda noite cansa o cidadão? Por que fundir tantos canhões de bronze e comprar tantas armas no estrangeiro? Por que tanta pressão nos estaleiros, onde a semana não tem mais domingo? O que será que nos espera, que em suor e pressa iguala a noite e o dia de trabalho? Não sei quem poderia me informar.

HORÁCIO – Eu posso... Ao menos, o que se diz por aí. Nosso último rei, cuja figura acabou de aparecer, foi desafiado, como vocês sabem, pelo rei Fortinbras da Noruega, que picado de orgulho e de inveja, queria combater. E o valente rei Hamlet, por sua valentia amado nesta parte do mundo, matou esse Fortinbras que, por contrato, selado e aprovado por lei e costume, junto com a vida perdeu as suas terras, que passaram para o vencedor. Por sua vez, uma parte equivalente, dada como garantia pelo nosso rei, passaria às mãos de Fortinbras, se ele vencesse, assim como, pelo que rezava o acordo, as dele passaram para Hamlet. Então, o jovem Fortinbras, cheio de ardor, mas ainda inexperiente, foi pelos confins da Noruega, caçando aqui e ali um bando de renegados, que em troca de cama e

comida, engolem qualquer coisa que exija coragem. O que vem a ser, como bem entendeu o nosso reino, recobrar de nós, com mão pesada e termos humilhantes, aquelas terras que o pai dele perdeu. É essa, eu acho, a causa principal desses preparativos, a razão da nossa guarda e o motivo de tanta pressa e agitação no reino.

BERNARDO – Eu também acho que não é nada mais que isso mesmo. É uma boa explicação para essa figura armada que vem assombrar a nossa guarda, tão igual ao rei que foi e é a razão dessas guerras.

HORÁCIO – É como um cisco incomodando o olho da razão. No apogeu do esplendor de Roma, um pouco antes da queda do poderoso Júlio, as tumbas todas se esvaziaram e os cadáveres com suas mortalhas saíram pelas ruas guinchando e gemendo para as estrelas com rabos de fogo, e o orvalho de sangue, e os desastres nos astros. E a lua úmida, que com sua força regula o reino de Netuno, adoeceu, quase morreu até, num eclipse. E esses mesmos sinais de fatos assustadores, como arautos que anunciam os destinos e prólogo da desgraça futura, o céu e a terra juntos estão mostrando para a nossa terra e os nossos conterrâneos.

Entra o Fantasma de novo.

Mas calma! Olhem! Ele vem de volta! Vou impedir a passagem dele, nem que me fulmine. Pare, ilusão!

Abre os braços.

Se é capaz de som ou uso da voz, fale comigo. Se alguma boa ação pode ser feita, que seja alívio seu e paz a mim, fale comigo. Se conhece o destino secreto do seu reino, que, revelado, se possa evitar, oh, fale! Se acumulou em vida um tesouro extorquido no ventre da terra, desses que dizem que os mortos vêm buscar...

O galo canta.

Fale! Pare e fale! Pare ele aí, Marcelo!

MARCELO – Quer que ataque com a alabarda?

HORÁCIO – Ataque, se ele não parar.

BERNARDO – Aqui!

HORÁCIO – Aqui!

MARCELO – Sumiu!

Sai o Fantasma.

Está errado, diante dessa majestade, a gente usar violência. Ele é igual ao ar, invulnerável, e o nosso ataque uma bobagem, cruel, ridículo.

BERNARDO – Ele ia falar, quando o galo cantou.

HORÁCIO – E aí se assustou como quem tem culpa se assusta quando ouve um chamado. Ouvi dizer que o galo é a trombeta do amanhecer, e com a sua voz aguda e alta acorda o deus do dia. E que com esse alerta, seja no mar ou no fogo, em terra ou no ar, o espírito errante, perdido, corre para o seu claustro. O que a gente acabou de ver é a prova de que isso é verdade.

MARCELO – Se desmanchou quando o galo cantou. Tem gente que diz que quando chega a época de festejar o nascimento do nosso salvador, o galo da manhã canta a noite inteira e aí, dizem, nenhum espírito pode sair fora. As noites são sadias, os astros não azaram, nenhuma fada aparece, nenhuma bruxa tem poder de fazer encantamento, tão santa e cheia de graça é essa data.

HORÁCIO – Foi o que ouvi e que acredito em parte. Mas olhe, a manhã, com o seu manto rosado já vem pisando o orvalho daquele monte do nascente. Vamos encerrar a nossa guarda, e o meu conselho é que a gente vá contar o que viu aqui para o jovem Hamlet, pois aposto a minha vida que o espírito, mudo para nós, com ele vai falar. Não acham que a gente deve contar para ele, como exige o afeto e manda o dever?

MARCELO – Vamos, sim, eu concordo. E agora de manhã eu sei com certeza onde ele vai estar.

Saem.

Cena 2

Elsinore. Sala do trono no castelo.

Toque de clarins.

Entram Cláudio, rei da Dinamarca, Gertrudes, a rainha, membros do Conselho, Polônio, seu filho Laerte e sua irmã Ofélia, o príncipe Hamlet, vestido de preto, mais Voltimando e Cornélio, cavalheiros, cortesãos.

REI – Mesmo ainda verde na lembrança a morte de Hamlet, nosso caro irmão, e envoltos em luto os nossos corações, e todo o reino como uma só testa vincada de dor, manda a razão que enfrentemos a natureza e com o mais sábio pesar lembremos dele sem esquecer com isso de nós mesmos. A nossa antiga irmã, hoje rainha, consorte imperial deste reino guerreiro, tomamos por esposa com alegria por assim dizer vencida, um olho esperançoso, o outro tristonho, com risos no funeral e réquiem nas bodas, com igual peso a delícia e a dor. E em nenhum momento ignoramos os seus bons conselhos, que liberalmente nos orientaram nesta questão. Somos gratos a todos. Prosseguindo: como vocês sabem, o jovem Fortinbras, avaliando errado a nossa força, ou achando que pela morte de nosso irmão nosso estado estaria desunido e desequilibrado, a isso somando o seu sonho de conquista, vem nos importunando com mensagens em que exige a devolução das terras que seu pai perdeu, no rigor da lei, para o nosso mais valente irmão. Mas basta dele. Agora nós e o motivo desta reunião. Trata-se do seguinte: escrevemos à Noruega, ao rei, tio do jovem Fortinbras, que, impotente, de cama, mal sabe das intenções do sobrinho, para que impeça imediatamente que ele prossiga em seu intento, uma vez que o alistamento, a convocação e o treinamento são questões que lhe dizem respeito. E por isso estamos enviando você, meu caro Cornélio, e você, Voltimando, como portadores desta saudação ao velho norueguês, sem atribuir aos dois nenhum outro poder pessoal para tratar com o rei qualquer outro negócio além desse já vasto assunto. Vão. E que a sua rapidez dê provas do seu empenho.

CORNÉLIO, VOLTIMANDO – Nisso, e em tudo o mais, cumprimos o nosso dever.

REI – Temos fé que sim. De coração, adeus.

Saem Voltimando e Cornélio.

E agora, Laerte, qual é a novidade? Você nos falou de um pedido. O que é, Laerte? Nenhum pedido justo ao rei dinamarquês, deixa de ser ouvido. O que você pode pedir, Laerte, que já não seja uma oferta minha? A cabeça não é mais irmã do coração, nem a mão melhor instrumento para a boca, do que o trono da Dinamarca para o seu pai. Diga o que deseja, Laerte.

LAERTE – Meu temido senhor, a sua permissão e bênção para voltar à França. Embora tenha vindo com prazer para assistir à sua coroação, confesso que agora, cumprido esse dever, minha cabeça e meu coração mais uma vez se voltam para a França e se curvam à sua graciosa bênção e permissão.

REI – Já tem a permissão do seu pai? O que diz Polônio?

POLÔNIO – Ele conseguiu, senhor, devagarinho, com muito empenho, arrancar de mim essa permissão e acabei cedendo ao que queria. Imploro a sua permissão para a viagem dele.

REI – Aproveite o seu bom momento, Laerte. O tempo é seu para gastar com seu melhor critério! Mas agora, meu sobrinho Hamlet, meu filho...

HAMLET – (*à parte*) Mais que parente, menos que parelho.

REI – Por que essas nuvens ainda à sua volta?

HAMLET – Nada disso, meu senhor, eu estou sempre ao sol.

RAINHA – Hamlet, meu bem, afaste de você essa noite escura e faça o seu olho ver como amigo o rei da Dinamarca. Já chega de andar sempre de olhar baixo, procurando na poeira o seu nobre pai. Você sabe que isso é normal: tudo o que vive tem de morrer, tem de passar da natureza para a eternidade.

HAMLET – É, mãe, é normal.

RAINHA – Se é normal por que parece tão difícil para você?

HAMLET – Parece, mãe? Não, é. Não entendo nenhum “parece”. Nem este manto cor de tinta, minha mãe, nem os suspiros profundos, nem os rios que correm dos olhos, nem o ar de desânimo do rosto, junto com toda forma, jeito e demonstração de dor podem me revelar de verdade. Isso tudo, sim, “parece”. Porque são atitudes que uma pessoa pode representar. Mas o que eu tenho por dentro ultrapassa o que se pode mostrar... Essas coisas são apenas enfeites, paramentos da tristeza.

REI – É uma prova da sua boa natureza, Hamlet, respeitar esses deveres de luto por seu pai. Mas você deve saber que seu pai também perdeu o pai; e que esse pai perdido, perdeu o dele; e que o sobrevivente tem por obrigação

filial durante algum tempo manter o luto. Insistir na dor, porém, é mostra de teimosia, é lamento indigno de um homem. Revela uma vontade muito incorreta ao céu, um coração sem força, uma mente impaciente, um entendimento simplório e inculto. Por que questionar com essa impertinência uma coisa que sabemos que tem de acontecer, que é tão normal, até vulgar para o entendimento? Não! É ofensa ao céu, é ofensa aos mortos, ofensa à natureza, absurdo total para a razão, que sabe que é normal a morte dos pais, e que sempre afirmou, desde o primeiro morto até o que acaba de morrer agora: “Assim tem de ser.” Nós solicitamos que jogue fora essa tristeza inconveniente e pense em nós como pai. Que o mundo todo saiba: você é o herdeiro mais imediato de nosso trono e não é menos nobre que o amor de um pai verdadeiro por seu filho o amor que dedico a você. E a sua intenção de voltar aos estudos em Wittenberg muito contraria o nosso desejo. Pedimos que concorde em ficar aqui, para alegria e conforto de nossos olhos, nosso mais importante cortesão, parente e filho nosso.

RAINHA – Não deixe que se percam as preces de sua mãe, Hamlet. Estou pedindo: fique conosco, não volte para Wittenberg.

HAMLET – Farei o melhor possível para obedecer, mãe.

REI – Isso, sim, é uma resposta correta e carinhosa. Fique entre nós na Dinamarca. Minha rainha, venha. Meu coração está sorrindo porque Hamlet concordou assim de boa vontade e sem resistência. E em honra disso, que não se faça hoje um só brinde na Dinamarca sem que seja anunciado às nuvens pelo grande canhão, para que a alegria do rei se espalhe pelo céu, repetindo o trovejar da terra. Vamos embora.

Fanfarra. Saem todos, menos Hamlet.

HAMLET – Ah, se esta carne tão, tão sólida pudesse derreter, e degelar, se dissolver em orvalho. E se o Eterno não tivesse uma lei proibindo o suicídio! Oh, Deus, oh, Deus, que cansativo, velho, chato e inútil me parece este mundo! Que horror, oh, horror, horror! É um jardim de ervas daninhas crescendo sem parar, tomado apenas por coisas baixas e grosseiras. Que tenha chegado a isto! Morto há menos de dois meses... não, nem tanto, nem

dois... Um rei tão bom que diante deste era como um deus para um mortal, tão amoroso com minha mãe que não deixava um vento mais forte roçar o seu rosto! O Céu e a Terra. Por que tenho de lembrar? Ah, ela se agarrava nele como se a sua fome aumentasse com aquilo que saciava. E um mês depois... Não quero mais pensar. Fragilidade, seu nome é mulher... Um pequeno mês. Ainda nem gastou a sola do sapato com que acompanhou o corpo de meu pai, banhada em lágrimas, ela, ela mesma... oh, uma fera que não tem uso da razão teria chorado mais! ...casou com meu tio, irmão de meu pai, mas tão diferente de meu pai quanto eu de Hércules. Em um mês. O sal das lágrimas honestas não tinha ainda secado nos seus olhos vermelhos e ela casou. Ah, pressa maldita. Saltar com tamanha agilidade para os lençóis do incesto! Isso não é bom, não pode acabar bem. Mas explode, coração, porque eu tenho de domar a língua.

Entram Horácio, Marcelo e Bernardo.

HORÁCIO – Salve, príncipe.

HAMLET – Que bom ver você bem. Horácio!... eu me esqueço até de mim.

HORÁCIO – Sou eu mesmo, príncipe, seu pobre servidor de sempre.

HAMLET – Não: meu amigo, querido. É isso que somos um para o outro. O que faz tão longe de Wittenberg, Horácio? Marcelo.

MARCELO – Meu senhor.

HAMLET – Estou contente de ver vocês. *(para Bernardo)* Boa noite... Mas, então, o que você está fazendo longe de Wittenberg, Horácio?

HORÁCIO – Fugindo das aulas por preguiça, príncipe.

HAMLET – Eu não deixaria um inimigo seu dizer uma coisa dessas, nem você deve violentar o meu ouvido com uma acusação contra si mesmo. Sei que não é preguiçoso. Mas o que está fazendo em Elsinore? Vai aprender a beber antes de ir embora.

HORÁCIO – Vim para o enterro de seu pai, meu príncipe.

HAMLET – Não brinque comigo, colega. Acho que veio foi para o casamento de minha mãe.

HORÁCIO – É, meu príncipe, foi logo em seguida.

HAMLET – Economia, Horácio, economia. Os assados do funeral serviram como frios na mesa do casamento. Eu preferia encontrar meu inimigo mais íntimo no céu do que ter vivido esse dia, Horácio. Meu pai... parece que estou vendo.

HORÁCIO – Onde, príncipe?

HAMLET – Dentro do meu coração, Horácio.

HORÁCIO – Eu vi seu pai uma vez. Era um belo rei.

HAMLET – Era um homem. Isso que ele era. Nunca mais vou ver outro igual.

HORÁCIO – Príncipe, acho que vi seu pai ontem à noite.

HAMLET – Viu? Quem?

HORÁCIO – O rei seu pai, meu príncipe.

HAMLET – O rei meu pai?

HORÁCIO – Tempere o seu espanto com um pouco de atenção. Escute o que eu vou contar com esses dois homens por testemunhas.

HAMLET – Pelo amor de Deus, me conte!

HORÁCIO – Já duas noites seguidas esses dois homens, Marcelo e Bernardo, estavam de guarda na imensidão morta da meia-noite, quando tiveram o encontro. Um vulto igual ao seu pai, armado exatamente do mesmo jeito, da cabeça aos pés, apareceu na frente deles, e com passo solene passou por eles majestoso e sem pressa. Três vezes passou diante dos seus olhos confusos e surpresos, à distância de um braço, enquanto eles se desmanchavam de medo, como geléia, e ali ficaram, mudos, sem falar com ele. Isso eles vieram me contar no mais estrito segredo e fui fazer a guarda com eles na terceira noite, quando, exatamente como haviam contado, tanto na hora como na forma, confirmando cada palavra, surgiu a aparição. Eu conheci seu pai. Estas duas mãos não são mais parecidas.

HAMLET – Mas onde foi isso?

MARCELO – Na plataforma onde a gente fica de guarda, meu senhor.

HAMLET – Não falaram com ele?

HORÁCIO – Eu falei, príncipe, mas não me respondeu nada. Acho que levantou a cabeça e fez um movimento para falar, mas bem nesse momento o galo da manhã cantou e ele recuou depressa, desapareceu de nossa vista.

HAMLET – É muito estranho.

HORÁCIO – Pela minha vida, meu querido príncipe, é verdade. E nós achamos que era nosso dever vir lhe contar o acontecido.

HAMLET – Claro, claro. Mas isso me deixa confuso... Vão ficar de guarda esta noite?

BERNARDO E MARCELO – Vamos, sim, senhor.

HAMLET – Armado, vocês disseram?

BERNARDO E MARCELO – Armado, sim, senhor.

HAMLET – Da cabeça aos pés?

BERNARDO E MARCELO – Sim, senhor, da cabeça aos pés.

HAMLET – Então não viram o rosto dele.

HORÁCIO – Vimos, sim. Estava com a viseira levantada.

HAMLET – E parecia estar como? Carrancudo?

HORÁCIO – Mais triste que zangado.

HAMLET – Pálido ou vermelho?

HORÁCIO – Não, muito pálido.

HAMLET – E olhava para vocês?

HORÁCIO – O tempo todo.

HAMLET – Eu queria estar lá.

HORÁCIO - Teria ficado assombrado.

HAMLET – Pode ser, pode ser. Demorou muito?

HORÁCIO – O tempo de contar até cem, sem muita pressa.

BERNARDO E MARCELO – Mais, mais.

HORÁCIO – Não quando eu vi.

HAMLET – A barba grisalha, não?

HORÁCIO – Igual eu tinha visto em vida: escura e grisalha.

HAMLET – Eu vou fazer a guarda hoje. Quem sabe aparece de novo.

HORÁCIO – Garanto que sim.

HAMLET – Se assumir a forma nobre de meu pai, falo com ele nem que o inferno se abra e me mande calar. Peço a vocês todos, que esconderam essa visão até agora, para triplicar o silêncio e, aconteça o que acontecer esta noite, vocês assistam, mas não digam nada. Eu não esquecerei o carinho de vocês. Agora, adeus. Entre onze e meia-noite vou até a plataforma.

OS TRÊS – O nosso dever está a seu serviço.

HAMLET – Dever, não, carinho, como o meu por vocês. Adeus.

Saem todos, menos Hamlet.

O espírito de meu pai. Armado! Nem tudo vai bem. Desconfio de um crime. Queria que já fosse noite. Até então, calma, minha alma. A podridão acaba aparecendo aos olhos dos homens, mesmo quando coberta pela terra toda.

Sai.

Cena 3

Sala na casa de Polônio.

Entram Larte e sua irmã, Ofélia.

LAERTE – Minha bagagem já foi embarcada. Adeus. E, minha irmã, quando houver vento propício e um barco ligeiro, não durma: me mande notícias de você.

OFÉLIA – Você duvida?

LAERTE – Quanto a Hamlet e a essa bobagem desse interesse dele, você veja como um capricho, uma brincadeira, uma violeta juvenil, precoce, mas não permanente, doce, mas não duradoura, perfume e pedidos passageiros, nada mais.

OFÉLIA – Nada mais que isso?

LAERTE – Melhor pensar que não. Porque o fermento da natureza não faz crescer só os músculos e o corpo, mas à medida que este templo cresce, lá dentro as funções da mente e da alma crescem junto. Talvez ele te ame agora, e agora não haja nada sujo nem dissimulado que comprometa a pureza da vontade dele. Mas você deve ter cuidado porque a própria realeza não permite que ele seja senhor da própria vontade, é escravo de seu nascimento. E não pode, como as pessoas comuns, escolher por si próprio, porque da escolha dele depende a boa saúde do reino todo. Então, a escolha dele tem de se limitar às ordens e às imposições desse corpo do qual ele é a cabeça. Se diz que te ama, manda a sabedoria que você acredite apenas na medida em que ele, do seu jeito e dentro dos seus limites, puder provar o que diz, e isso não é nada mais nada menos que a voz da própria Dinamarca. Então pese bem o quanto a sua honra pode ficar comprometida se você ouvir com ouvido confiante demais as canções dele, ou entregar o coração, ou abrir o tesouro casto do seu corpo às insistências

dele. Cuidado, Ofélia, cuidado, minha querida irmã, e fique na retaguarda com o seu afeto, fora do alcance dos perigos do desejo. Mesmo a donzela mais pura já se arrisca só de mostrar sua beleza à lua. Nem a própria virtude escapa dos golpes da calúnia. A lagarta muitas vezes ataca o broto antes de ele se abrir em botões, e no sereno molhado da manhã da juventude os contágios são muito perigosos. Tome cuidado, então. Só se tem segurança na cautela. É contra si mesma que a juventude se rebela.

OFÉLIA – Eu vou guardar os seus conselhos como sentinelas do meu coração. Mas, meu irmão, não faça como alguns maus pastores que mostram para a gente o caminho mais difícil e espinhoso para o céu, enquanto eles, libertinos, seguem, inchados e orgulhosos, pelo caminho florido, desprezando os próprios conselhos.

LAERTE – Ah, não se preocupe comigo.

Entra Polônio.

Estou atrasado. O pai vem vindo. Uma dupla bênção é uma dupla graça. E a ocasião sorri para uma segunda despedida.

POLÔNIO – Ainda aqui, Laerte? Para bordo, para bordo, que absurdo! O vento já está enfunando a sua vela e você aqui. Pronto, Deus te abençoe! E guarde mais estes preceitos na memória. Nunca dê voz aos seus pensamentos, nem ato a um pensamento desmedido. Seja simples, mas de jeito nenhum vulgar. Os amigos que tiver, depois de comprovado que são fiéis, você prenda na alma com correntes de aço. Mas não gaste a mão agradando qualquer camarada recém-saído do ovo, ainda sem penas. Evite entrar em briga, mas quando entrar, tome o cuidado de fazer o outro ter medo de você. Empréstimo o seu ouvido a todos, a sua voz a poucos. Aceite a opinião de todos, mas reserve o seu juízo. Gaste em roupas o que a sua bolsa permitir, mas sem excesso, ricas, não espalhafatosas. O hábito sempre mostra o homem e, na França, os de melhor família e posição são muito distintos e generosos, principalmente nisso. Não empreste, nem tome emprestado, porque quando se empresta se perde o dinheiro e o amigo, e quando se pega emprestado se perde o pulso da própria economia. Acima de tudo, seja verdadeiro consigo mesmo, assim, como a noite vem sempre depois

do dia, você nunca será falso com ninguém. Adeus. Que a minha bênção faça isso ficar bem gravado dentro de você.

LAERTE – Humildemente me despeço, pai.

POLÔNIO – Sua hora te chama. Vá, os criados estão esperando.

LAERTE – Adeus, Ofélia, e lembre bem do que eu te disse.

OFÉLIA – Está trancado na minha memória e só você tem a chave.

LAERTE – Adeus.

Sai.

POLÔNIO – O que foi que ele disse para você, Ofélia?

OFÉLIA – Falou do príncipe Hamlet.

POLÔNIO – Ah, bem pensado! Vieram me dizer que ultimamente ele tem passado muito tempo com você sozinha, e que tem sido muito generosa com ele. Se isso é verdade, e vieram me contar porque é assunto que exige cuidado, tenho de dizer que você não está entendendo bem a sua posição, como convém à minha filha e à sua honra. O que existe entre vocês dois? Me conte a verdade.

OFÉLIA – Ultimamente, pai, ele tem dado muitas mostras de afeição por mim.

POLÔNIO – Afeição? Que nada! Está falando como uma menina inexperiente, que não percebe o perigo da situação. Acredita mesmo nessas “mostras” dele?

OFÉLIA – Eu não sei o que pensar, meu pai.

POLÔNIO – Ah, vou te ensinar! Você está agindo feito um bebezinho que toma a amostra pelo produto real. E, como diz o dito, quem assim se mostra, por tolo me demonstra.

OFÉLIA – Mas pai, ele tem me declarado amor de um jeito muito honrado.

POLÔNIO – Ah, jeito honrado você acha. Imagine! Imagine!

OFÉLIA – E tempera o que diz, pai, com votos ao céu.

POLÔNIO – Ah, arapuca de pegar passarinho! Eu sei muito bem que quando o sangue esquenta, a alma fica pródiga e enche a boca de votos. Essas explosões, minha filha, dão mais luz que calor e se apagam junto mesmo com a promessa. Não tome isso por fogo, não. A partir de agora, seja mais econômica com a sua virginal presença. Ponha nos seus encontros um preço mais alto que um mero chamado para conversar. Basta saber que o

príncipe Hamlet é jovem e tem rédea mais solta do que você pode ter. Em resumo, Ofélia, não acredite nos votos dele, porque são como corretores que não revelam o teor do investimento, meros suplicantes de desejos não-recomendáveis, suspirando feito uma prostituta piedosa para melhor enganar. Para encerrar: não quero, falando com franqueza, que de hoje em diante você jogue fora nenhum momento de lazer trocando palavras ou conversas com o príncipe Hamlet. Não esqueça, é uma ordem. Agora vá.

OFÉLIA – Eu obedeco, pai.

Saem.

Cena 4

Elsinore. A plataforma diante do castelo.

Entram Hamlet, Horácio e Marcelo.

HAMLET – O ar está mordente. Muito frio.

HORÁCIO – Demais, arde.

HAMLET – Que hora agora?

HORÁCIO – Falta pouco para meia noite.

MARCELO – Não, já bateu.

HORÁCIO – É mesmo? Eu não ouvi. Então está quase na hora que o espírito costuma aparecer.

Um toque de trombetas, dois tiros de canhão.

O que é isso, príncipe?

HAMLET – O rei hoje passa a noite em claro e festeja: muita bebida, danças, e cada vez que ele enxugar o copo de vinho, a fanfarra e as trombetas anunciam assim o portento dos seus brindes.

HORÁCIO – É algum costume?

HAMLET – Ah, é, sim, sem dúvida. Mas para mim, que sou nativo daqui e criado para isso, um costume que seria melhor esquecer que respeitar. Por causa das orgias dessas bebedeiras, outras nações a leste e oeste nos insultam e zombam de nós. Nos taxam de bêbados e com o nome de porcos mancham

nossa honra. E isso rouba a própria essência e valor dos nossos feitos, por maiores que sejam. Muitas vezes acontece de certos homens, seja por um defeito da própria natureza, de que não podem ser culpados, porque a natureza não pode escolher a sua origem, mas o excesso de algumas compleições muitas vezes rompem os limites e as defesas da razão, em outros é algum hábito que fermenta demais a forma das maneiras aceitáveis, esses homens, como eu dizia, levando assim a marca de um defeito, de um capricho da natureza ou do destino, verão suas virtudes, sejam elas puras como a graça, infinitas quanto o homem é capaz, expostas à censura geral, corrompidas por aquele defeito particular. Basta um pingo de mal para corromper a nobreza de uma substância.

Entra o Fantasma.

HORÁCIO – Olhe, príncipe, está chegando!

HAMLET – Anjos, mensageiros da graça, valei-nos! Seja espírito do bem ou gênio do mal, traga consigo ventos do céu ou rajadas do inferno, seja a sua intenção perversa ou benfazeja, é tão difusa a sua forma que eu quero lhe falar. E Hamlet te chamo, rei, pai, real dinamarquês. Oh, responda! Não me deixe chorar sem entender. Conte porque seus santos ossos, na morte sepultados, romperam a mortalha. Por que o sepulcro em que, calados, colocamos sua urna abriu a boca de mármore pesado? O que quer dizer isto? Um corpo morto assim, de novo em armadura completa, sair para o luar, a assombrar a noite, e a nós, joguetes da natureza, tão horripelantemente abalados por pensamentos que estão além da nossa alma? Fale! Por que isso? Para que? O que nós temos de fazer?

O Fantasma chama Hamlet.

HORÁCIO – Está chamando para ir com ele, como se quisesse converar a sós.

MARCELO – Olhe com que nobreza chama o senhor para um lugar mais isolado. Mas não vá com ele, não!

HORÁCIO – Não, de jeito nenhum!

HAMLET – Não vai falar. Eu vou com ele, sim.

HORÁCIO – Não vá, meu príncipe!

HAMLET – Por que não? Por que medo? Minha vida não vale um alfinete. E a minha alma... O que ele pode fazer contra minha alma, se é uma coisa imortal igual a ele? Está me chamando de novo. Eu vou.

HORÁCIO – E se ele atrair o senhor para as ondas, príncipe? Para a tentação do abismo que sobe sobre o mar, e lá assumir alguma outra forma horrível que prive sua majestade da razão e leve à loucura? Pense um pouco. O próprio lugar, sem nenhum motivo, já desperta o desespero em qualquer um que olhe para o mar e escute o seu rugido.

HAMLET – Está me chamando. *(para o Fantasma)* Vá. Eu sigo atrás.

MARCELO – Não deve ir, meu senhor.

HAMLET – Tirem as mãos!

HORÁCIO – Controle-se. Não pode ir.

HAMLET – O meu destino me chama e deixa cada pequena artéria deste corpo mais forte que os nervos de um leão.

O Fantasma chama.

Me chama de novo. Tirem as mãos, vocês! Por Deus, transformo em fantasma quem me impedir! Estou dizendo: afastem! *(para o Fantasma)*
Vamos. Eu sigo.

Saem o Fantasma e Hamlet.

HORÁCIO – Está tomado pela imaginação.

MARCELO – Vamos atrás. Não é o momento de obedecer agora.

HORÁCIO – Eu vou com você. Onde vai dar isso?

MARCELO – Há algo de podre no reino da Dinamarca.

HORÁCIO – Está nas mãos de Deus.

MARCELO – Não. Vamos atrás dele.

Saem.

Cena 5

Elsinore. O castelo. Outra parte da fortificação.

Entram o Fantasma e Hamlet.

HAMLET – Para onde me leva? Fale! Não passo daqui.

FANTASMA – Escute.

HAMLET – Escuto.

FANTASMA – Já está perto a minha hora de retornar para as chamas de enxofre do tormento.

HAMLET – Ah, pobre espírito!

FANTASMA – Não tenha pena! Preste atenção ao que vou revelar.

HAMLET – Fale. Eu escuto.

FANTASMA – Deve também vingar, depois de ouvir.

HAMLET – O que?

FANTASMA – Eu sou o espírito de seu pai, condenado a vagar por algum tempo pela noite e, prisioneiro, de dia jejuar nas chamas, até que se purguem e se queimem os crimes cometidos em meus dias de vida. Se não me fosse proibido revelar os segredos da minha prisão, a palavra mais leve que eu contasse arrancaria a alma do seu corpo, gelaria o seu jovem sangue, faria seus dois olhos, como estrelas, saltarem das órbitas, e os seus cabelos deixaria em pé como os espinhos de um ouriço. Mas esse segredo eterno não é para ouvidos de carne e sangue. Escute, escute, ah, escute! Se algum dia amou seu caro pai...

HAMLET – Oh, Deus!

FANTASMA – Vingue este sórdido e monstruoso crime.

HAMLET – Crime?

FANTASMA – Crime sórdido, como todos são. Este, porém, é sórdido, estranho, contrário à natureza.

HAMLET – Conte depressa, depressa, e que asas rápidas como a meditação, como os pensamentos de amor, possam me arrebatam para a vingança.

FANTASMA – Vejo que é capaz. Mais frouxo seria do que as ervas gordas que apodrecem nas águas paradas dos ancoradouros do rio Lete se isso não te abalasse. Agora, Hamlet, escute. O que se disse foi que enquanto eu dormia no pomar, uma serpente me picou. A consciência de toda a

Dinamarca é assim vilipendiada por uma falsa versão de minha morte. Saiba, porém, meu nobre jovem, que a serpente que tirou a vida de seu pai agora usa a coroa dele.

HAMLET – Ah, minha alma profética! Meu tio?

FANTASMA – É. Esse animal adúltero, incestuoso, com o feitiço de sua lábia, com presentes traiçoeiros... ah, pérfidos as palavras e os presentes que têm o poder de seduzir assim... atraiu para a sua lascívia vergonhosa a vontade da minha rainha que parecia tão virtuosa. Oh, Hamlet, que queda essa! De mim, do amor que tinha ainda a dignidade do voto que fiz a ela em matrimônio, descer para um canalha de dotes naturais tão menores que os meus! A virtude não se abala mesmo que a lascívia lhe faça a corte com uma forma do céu. Da mesma forma, a luxúria, mesmo ligada a um anjo radioso continua se saciando na cama celestial, refocilando na imundície. Mas basta! Parece que sinto o aroma da manhã. Serei breve. Dormindo em meu pomar, como era meu costume toda tarde, a minha segurança dessa hora o seu tio invadiu, levando num frasco o sumo da maldita ébora. E na câmara do meu ouvido verteu o licor leproso, cujo efeito é de tal forma inimigo ao sangue do homem que, mais rápido que mercúrio, corre pelas portas e caminhos naturais do corpo, e com um súbito vigor, como gotas de ácido no leite, talha e coagula o sangue fino e sadio. Assim fez com o meu: num instante uma lepra de escamas se espalhou e com uma horrenda crosta cobriu todo o meu corpo. Assim foi, portanto, que dormindo, pela mão de um irmão, me vi privado de um só golpe da vida, da coroa, da rainha. Colhido na floração dos meus pecados, sem sacramentos, mandado a prestar contas com todas as imperfeições pesando sobre a minha cabeça. Oh, horror! Oh, horror! Que horror! Se você tem em si sentimentos naturais, não tolere uma coisa dessas. Não permita que o leito real da Dinamarca sirva de coxim para a luxúria, para um maldito incesto. Seja qual for, porém, a atitude que escolher, não contamine sua mente, não permita que sua alma conspire contra sua mãe. Que ela fique a cargo do céu e dos espinhos que abriga no peito. Eles picam e sangram. Adeus agora. O vagalume apaga já o seu fogo inútil, anunciando que a manhã vem vindo. Adeus, adeus, Hamlet. Lembre de mim.

Sai.

HAMLET – Oh, legiões todas do céu! Oh, terra! Que mais? Devo juntar o inferno? Vergonha! Agüente, agüente, meu coração! E vocês, nervos, não envelheçam ainda, me sustentem. Lembrar de você? É, sim, pobre fantasma, enquanto a memória tiver um espaço neste globo perturbado. Lembrar de você? É, sim, vou apagar da memória toda e qualquer recordação banal, toda moral dos livros, toda forma, toda impressão que a juventude e a observação gravaram nela, e só o seu mandamento há de viver no livro, no capítulo do meu cérebro, longe da baixeza da matéria. É, sim, por Deus! Oh, pernicioso mulher! Oh, canalha, canalha, sorridente, maldito canalha! Minha memória! Minha memória... tenho de gravar que é possível sorrir, sorrir, e ser canalha. Pelo menos, tenho certeza que assim é na Dinamarca. (*escreve*) Pronto, meu tio, aí está. E agora, o meu lema: “Adeus, adeus! Lembre de mim.” Esse é o meu juramento.

HORÁCIO - (*fora de cena*) Príncipe, príncipe!

Entram Horácio e Marcelo.

MARCELO – Príncipe Hamlet!

HORÁCIO – O céu proteja!

HAMLET – Assim seja!

MARCELO – Olá, ho, ho, meu senhor!

HAMLET – Olá, ho, ho, rapaz! Venha, falcão, venha.

MARCELO – Como o senhor está?

HORÁCIO – O que aconteceu?

MARCELO – Oh, que incrível!

HORÁCIO – Conte, meu príncipe.

HAMLET – Não, você vai falar.

HORÁCIO – Eu não, meu príncipe, por Deus!

MARCELO – Nem eu, meu senhor.

HAMLET – O que vocês me dizem? Será que o coração humano jamais sonhou com isso? Mas vão guardar segredo?

AMBOS – Por Deus, senhor, meu príncipe.

HAMLET – Não existe em toda a Dinamarca um só canalha... que não seja um rematado malandro.

HORÁCIO – Não precisa nenhum fantasma sair do túmulo para dizer isso, meu príncipe.

HAMLET – É verdade! Você está certo! Então, sem mais rodeios acho melhor a gente apertar as mãos e se separar. Vocês para os seus negócios e desejos, pois todo homem tem sempre algum negócio, algum desejo, assim é, e eu para o meu pobre lado, vejam vocês, vou rezar.

HORÁCIO – Mas isso é só um amontoado de palavras sem sentido, meu príncipe.

HAMLET – Desculpe se ofendi você, de coração. Desculpe, acredite, de coração.

HORÁCIO – Sem ofensa, meu príncipe.

HAMLET – Ah, por São Patrício, ofensa há, sim, Horácio, e ofensa grande. Quanto à visão que nós tivemos aqui, é um fantasma honesto, eu garanto. E essa vontade de saber o que houve entre eu e ele, vocês controlem como puderem. Agora, meus bons amigos, porque são meus amigos, estudantes, e soldados, atendam só um pedido meu.

HORÁCIO – O que, meu príncipe? Nós atendemos.

HAMLET – Não contem nunca o que viram hoje aqui.

AMBOS – Não contamos, meu senhor.

HAMLET – Não, jurem.

HORÁCIO – Por Deus, meu príncipe, não falo.

MARCELO – Nem eu, meu senhor. Juro.

HAMLET – Pela minha espada.

MARCELO – Já juramos, meu senhor.

HAMLET – Juraram, mas pela minha espada, jurem.

O Fantasma grita embaixo do palco.

FANTASMA – Jurem.

HAMLET – Ahá, rapaz, é você que diz isso? Está aí, meu parceiro? Vamos! Já ouviram o sujeito do porão. Jurem de uma vez.

HORÁCIO – Proponha o juramento, príncipe.

HAMLET – Não contar nunca o que viram aqui. Jurem pela minha espada.

FANTASMA – *(embaixo do palco)* Jurem. *(eles juram)*

HAMLET - Hic et ubique? [Aqui e em toda parte?] Então vamos mudar de lugar. Venham para cá, vocês, e ponham a mão na minha espada. Não contar nunca o que ouviram aqui: jurem pela minha espada.

FANTASMA – (*embaixo do palco*) Jurem pela espada.

HAMLET – Falou bem, toupeira velha! Como cava tão depressa? Bom cavador! Mudar mais uma vez, meus amigos.

HORÁCIO – Oh, dia e noite, isto está ficando muito estranho!

HAMLET – E como um estranho deve ser bem vindo. Há mais coisas no céu e na terra, Horácio, do que sonha a nossa filosofia. Mas vamos! Aqui, como antes, com a ajuda de Deus, por mais estranho ou esquisito que eu pareça, porque daqui para a frente eu talvez tenha de adotar uma atitude estranha, jurem que, ao me ver assim, nunca vão cruzar os braços assim, nem sacudir a cabeça, nem dizer frases dúbias como “Bom, eu sabia” ou “Se eu quisesse, eu podia...”, ou “Se a gente abrisse a boca” ou “Tem gente que, se quisesse...” e nem fazer insinuações ambíguas para mostrar que sabem alguma coisa sobre mim. Não façam nada disso e a gratidão e a misericórdia estarão sempre com vocês. Jurem.

FANTASMA – (*embaixo do palco*) Jurem

Eles juram.

HAMLET – Descanse, descanse, espírito perturbado! E agora, amigos, com todo meu amor me coloco em suas mãos. E tudo o que um pobre homem como Hamlet puder fazer para expressar amor e amizade por vocês, Deus permita, será feito. Vamos embora juntos e apertem os dedos nos lábios, eu peço. Nosso tempo está fora dos eixos. Ah, maldita hora que eu nasci para endireitar! Pronto, vamos embora juntos.

Saem.

Ato II

Cena 1

Elsinore. Uma sala na casa de Polônio.

Entram Polônio e Reinaldo.

POLÔNIO – Entregue a ele este dinheiro e estas cartas, Reinaldo.

REINALDO – Pois não, meu senhor.

POLÔNIO – Antes de encontrar com ele, Reinaldo, seria muito bom você tomar informações.

REINALDO – Era o que eu pretendia fazer.

POLÔNIO – Ah, bem falado, muito bem falado. Olhe aqui, você pergunta primeiro quem são os dinamarqueses que vivem em Paris. E como, e quem, e com que meios, e onde moram, com quem andam, quanto gastam. E investigando desse jeito, com perguntas vagas, se conhecem o meu filho, você vai chegar mais perto do que com perguntas diretas. Faça de conta, assim, que conhece de longe o meu filho, assim: “Conheço o pai dele, e amigos, e ele, em parte.” Está entendendo, Reinaldo?

REINALDO – Estou, muito bem, meu senhor.

POLÔNIO – “E ele, em parte,” você diz, “mas não bem, porque se for mesmo quem eu estou pensando, é muito desenfreado, chegado nisto e naquilo” e aí imputa a ele as invenções que quiser. Ah, mas nenhuma tão baixa que possa comprometer a honra dele, cuidado com isso, e, sim, audácias, irresponsabilidades e deslizes desses que é normal serem companheiros da juventude e da liberdade.

REINALDO – Como o jogo, meu senhor.

POLÔNIO – É, e a bebida, o duelo, o palavrão, briga, mulher. Pode ir até aí.

REINALDO – Mas isso não vai depor contra ele?

POLÔNIO – Claro que não, se você dosar bem a acusação. Não atribua a ele nenhum escândalo maior, como a devassidão, não é esse o meu intuito. Mas fale dos defeitos dele de jeito que fiquem parecendo pecados da liberdade, brilho e expressão de um espírito fogoso, arroubos do sangue ainda não domado, que por tudo se interessa.

REINALDO – Mas, meu querido senhor...

POLÔNIO – Por que fazer uma coisa dessas?

REINALDO – É, sim, senhor. Eu gostaria de saber.

POLÔNIO – Ah, esse é o meu plano e acho que não vai fazer mal nenhum. Você coloca essas leves manchas no meu filho, como se fosse uma coisa que fica um pouco suja durante o trabalho. Veja bem, a pessoa com quem você estiver

conversando, essa que você estiver sondando, se já viu o rapaz cometendo esses citados crimes que você insinua, pode ter certeza que ela vai concordar com você então: “Meu caro senhor” ou coisa assim, ou “meu amigo” e tal, ou “cavalheiro”... de acordo com a origem e a formação do sujeito e do país...

REINALDO – Muito bem, meu senhor.

POLÔNIO – E aí então a pessoa fala... a pessoa... O que é que eu estava dizendo? Minha nossa! Eu ia dizer alguma coisa! Onde eu parei?

REINALDO – Em “ela vai concordar...”, em “meu amigo e tal” e “cavalheiro”.

POLÔNIO – Em “ela vai concordar”. Isso, arre! Concorda assim: “Eu conheço o cavalheiro. “Vi esse rapaz, ontem mesmo,” ou ante-ontem, ou noutro dia, ou noutro, “com um ou com outro, bem como o senhor disse, jogando aqui, bebendo ali, brigando lá.” Ou quem sabe “Vi quando estava entrando numa casa de comércio”, *videlicet* [quer dizer], um bordel, e assim por diante. Agora, veja: a sua isca de falsidade pescou a carpa da verdade. E assim, gente como nós, de sabedoria e de visão, com rodeios, com manha, por vias tortas acha o caminho direito. Então, você vai seguir esses conselhos e preceitos, e fazer assim com meu filho. Entendeu bem, não entendeu?

REINALDO – Entendi, sim, senhor.

POLÔNIO – Então vá, adeus!

REINALDO – Meu caro senhor.

POLÔNIO – Veja você mesmo como ele está.

REINALDO – Farei isso, meu senhor.

POLÔNIO – E deixe ele compor a própria música.

REINALDO – Muito bem.

POLÔNIO – Adeus!

Sai Reinaldo.

Entra Ofélia.

E então, Ofélia? Qual é o problema?

OFÉLIA - Ah, meu pai, meu pai, fiquei tão assustada!

POLÔNIO – Com o que, pelo amor de Deus!

OFÉLIA – Eu estava costurando no meu quarto, quando Hamlet apareceu na minha frente, com o gibão todo desabotoado, sem chapéu na cabeça, as meias sujas, sem ligas, caídas no tornozelo, mais pálido que a camisa, os joelhos batendo um no outro, com um ar de dar pena, como se tivesse escapado do inferno para falar de horrores.

POLÔNIO – Louco de amor por você?

OFÉLIA – Não sei, meu pai, mas temo que sim.

POLÔNIO – O que ele disse?

OFÉLIA – Me pegou pelo pulso e apertou. Depois, se afastou até esticar o braço, com a outra mão assim na testa, e ficou olhando tanto para o meu rosto que parecia que ia desenhar o meu retrato. Ficou muito tempo assim. Depois, sacudiu um pouco meu braço e balançou assim a cabeça três vezes, para cima e para baixo, e deu um suspiro tão triste e tão profundo que parecia que o seu corpo ia estalar e acabar com ele. Depois, me soltou e com a cabeça virada para trás, foi saindo sem usar os olhos, passou pela porta sem precisar deles, o olhar pregado em mim até o último instante.

POLÔNIO – Venha, vamos comigo. Vou procurar o rei. Isso é êxtase de amor, que se destrói com a própria violência e leva a vontade do homem a atos desesperados, como toda paixão que aflige a nossa natureza. Sinto muito. Então, você disse a ele alguma palavra dura ultimamente?

OFÉLIA – Não, pai. Mas como o senhor mandou recusei suas cartas e não deixei que falasse comigo.

POLÔNIO – Por isso enlouqueceu. Sinto muito não ter tido mais cuidado e melhor critério para avaliar seus atos. Achei que não passava de um capricho para se aproveitar de você. Mas maldito seja o meu ciúme! Por Deus, o excesso de cuidado é tão comum na minha idade quanto a imprudência nos jovens. Venha, vamos até o rei. Ele tem de saber. Porque se isso ficar fechado pode criar mais sofrimento, escondido, que ódio, revelado. Venha.

Saem.

Cena 2

Elsinore. Uma sala no castelo.

Fanfarra. Entram o rei e a rainha, Rosencrantz e Guildenstern, e a corte.

REI - Bem vindos, queridos Rosencrantz e Guildenstern. Além da vontade que tínhamos de ver vocês, foi a necessidade de seus serviços que provocou nosso apressado convite. Devem ter ouvido alguma coisa sobre a transformação de Hamlet. Eu chamo assim porque nem por dentro nem por fora ele parece mais o homem que era. Não consigo atinar o que, além da morte do pai, possa ter desviado desse jeito o seu entendimento de si mesmo. Então peço aos dois, que desde tão meninos cresceram com ele, e tão bem conhecem sua juventude e comportamento, que nos brindem com sua permanência em nossa corte por algum tempo, para servir de companhia a ele em divertimentos e descobrir assim tudo o que puderem, se há alguma causa secreta de sua aflição que, revelada, esteja em nosso alcance remediar.

RAINHA – Meus queridos rapazes, ele fala muito de vocês e tenho certeza que não existem dois homens de quem se sinta mais próximo. Seria uma prova de gentileza e boa vontade se quisessem passar conosco algum tempo, alimentando a nossa esperança. Sua visita será alvo da gratidão devida por um rei.

ROSENCRANTZ – Majestades, pelo poder soberano que têm sobre nós, podiam nos dar uma ordem em vez de um pedido.

GUILDENSTERN – Nós dois obedecemos e renunciemos a nós mesmos, e nos curvamos para colocar nossos serviços aos seus pés, às suas ordens.

REI – Obrigado, Rosencrantz e caro Guildenstern.

RAINHA – Obrigada, Guildenstern e caro Rosencrantz. E suplico que vão visitar imediatamente o meu filho tão mudado. Vão, alguns de vocês, e levem esses cavalheiros aonde está Hamlet.

GUILDENSTERN – Que o céu torne a nossa presença e as nossas providências úteis e agradáveis a ele!

RAINHA – Isso, amém!

Saem Rosencrantz e Guildenstern, junto com alguns criados.

Entra Polônio.

POLÔNIO – Os embaixadores da Noruega chegaram bem, majestade.

REI – Você é sempre o pai das boas notícias.

POLÔNIO – Sou, majestade? Garanto, meu soberano, que tanto o meu dever como a minha alma estão ambos a serviço de Deus e do meu rei. E acho, a menos que este meu cérebro não descubra mais como antes o rasto de uma intriga, acho que descobri a verdadeira causa da loucura de Hamlet.

REI – Ah, diga logo. Isso eu quero saber.

POLÔNIO – Receba primeiro os embaixadores. Minha notícia será a sobremesa desse banquete.

REI – Faça você as honras e traga os dois aqui.

Sai Polônio.

Ele me disse, minha querida Gertrudes, que descobriu a causa e a fonte do destempero de seu filho.

RAINHA – Duvido que seja outra coisa além do principal: a morte do pai e nosso casamento apressado demais.

REI – É, vamos ter de ouvir com muito cuidado.

Entram Polônio, Voltimando e Cornélio.

Bem vindos, bons amigos. Então, Voltimando, o que nos manda o nosso irmão da Noruega?

VOLTIMANDO – A mais completa retribuição de votos e saudações. Assim que nos recebeu, mandou suspender o recrutamento de soldados do sobrinho, que ele havia achado que era uma preparação contra os poloneses, mas que examinando melhor, descobriu ser realmente contra Sua Alteza. Lamentou que sua doença, idade e impotência fossem tão desconsideradas, e mandou chamar Fortinbras. O jovem logo atendeu o chamado, foi repreendido pelo rei e prontamente jurou diante do tio nunca mais ameaçar com armas Sua Majestade. Diante disso, o velho norueguês, tomado de alegria, lhe atribuiu três mil coroas de pensão anual e a permissão de empregar os soldados já recrutados contra os poloneses. Propôs um tratado, aqui escrito (*entrega um papel*) solicitando que o senhor permita ordeira passagem por

seus domínios para essa empresa, respeitadas a segurança e a ordem como aí vai expresso.

REI – Ficamos bem contentes. E com mais tempo leremos, responderemos e pensaremos sobre esse assunto. Por ora, agradecemos seu bem sucedido empenho. Sejam bem vindos de volta.

Saem embaixadores.

POLÔNIO – Essa questão terminou bem. Meu soberano, senhora, questionar o que seria a majestade, o que é o dever, por que o dia é dia, a noite noite e o tempo tempo, seria nada mais que desperdiçar noite, dia e tempo. Portanto, uma vez que a brevidade é a alma da razão e o tédio os seus membros, eu serei breve. Seu nobre filho está louco. Louco eu digo. Pois, definindo a verdadeira loucura, de que se trata senão de se estar louco? Mas basta disso.

RAINHA – Mais consistência, menos arte.

POLÔNIO – Majestade, juro que não estou usando arte nenhuma. Que ele é louco, é verdade. É verdade que é pena, e pena que é verdade. É só uma figura de linguagem! Mas basta disso, porque não vou usar arte. Louco, portanto: nisso concordamos. Resta saber a causa desse efeito. Melhor dizendo, a causa desse defeito, porque esse efeito defeituoso tem uma causa. Mas ainda tem mais uma coisa e a coisa que tem é o seguinte. Vamos ver. Tenho uma filha (tenho enquanto estiver comigo) que por dever e obediência, vejam bem, me entregou isto aqui. Escutem e concluem. (*lê uma carta*) “Ao ídolo da minha alma, a celestial e mais que bela Ofélia”... Uma expressão ruim, infeliz, “mais que bela” não é uma boa expressão. Mas escutem: (*lê*)

“Que em seu perfeito e branco seio, estas etc.”

RAINHA – Foi Hamlet quem mandou isso para ela?

POLÔNIO – Cara senhora, espere um pouco. Vou ler fielmente. (*lê*)

“Duvide que o sol se movimente.

Duvide que as estrelas sejam fogo e calor.

Duvide que a verdade nunca mente.

Mas nunca duvide deste meu amor.

Ah, querida Ofélia, eu sou tão ruim com versos. Não tenho arte para rimar meus gemidos, mas que o meu amor é perfeito, oh perfeição, acredite. Adeus. Seu para sempre, minha querida dama, enquanto esta máquina me pertencer. Hamlet.” Isso, por obediência, minha filha me mostrou. E mais ainda, à medida que ia acontecendo, quando, como e onde, ela me revelou.

REI – Mas como ela recebeu o amor dele?

POLÔNIO – O que o senhor pensa de mim?

REI – Que é um homem honrado e digno de confiança.

POLÔNIO – Eu gostaria de provar que sim. Mas o que o senhor diria se eu tivesse visto esse ardoroso amor nascer (como percebi, devo confessar, antes de minha filha me contar), o que o senhor, ou minha querida majestade a rainha aqui presente, iam pensar se eu tivesse guardado essa história na memória, ou tivesse escolhido calar a boca, ou olhasse esse amor com um olhar complacente? O que iam pensar? Não, pus mãos à obra e falei assim para a minha filha: “Hamlet é um príncipe, fora do seu alcance. Isso não pode ser.” E aconselhei que Ofélia impedisse a aproximação dele, que não admitisse mensageiros, nem recebesse presentes. O que foi feito. Ela colheu os frutos dos meus conselhos e ele, recusado, para resumir a história, caiu numa tristeza, depois perdeu a fome, depois o sono, depois veio a fraqueza, depois alucinou e assim, caindo sempre, chegou a essa loucura em que se debate agora. E que todos nós lamentamos.

REI – Acha que é isso?

RAINHA – Pode muito bem ser que sim.

POLÔNIO – Já aconteceu alguma vez, eu gostaria de saber, de eu dizer definitivamente “É assim” e não ser?

REI – Não que eu saiba.

POLÔNIO – Separe isto (*aponta a cabeça, depois o ombro*), disto, se for diferente. Se as circunstâncias exigirem, eu descubro onde a verdade se esconde, nem que esteja escondida mesmo lá no fundo da terra.

REI – Como podemos investigar mais essa história?

POLÔNIO – O senhor sabe que ele às vezes fica andando horas e horas pela galeria.

RAINHA – É verdade.

POLÔNIO – Nessa hora, eu solto minha filha para ele. Nós dois nos escondemos atrás de uma cortina. Observamos o encontro. Se ele não amar a menina e não

tiver perdido a razão por isso, eu não serei mais secretário de estado, e vou ser fazendeiro e carroceiro.

REI – Vamos tentar.

Entra Hamlet, lendo um livro.

RAINHA – Mas olhe como vem lendo, tão triste, coitado.

POLÔNIO – Vão, eu imploro, saiam os dois. Vou falar com ele. Ah, me permitam.

Saem o rei e a rainha.

Como vai, meu querido Hamlet?

HAMLET – Bem. Deus nos guarde.

POLÔNIO – Sabe quem sou eu, meu senhor?

HAMLET – Bem demais, demais. É um pescador.

POLÔNIO – Eu não, meu senhor.

HAMLET – Pois queria que fosse um homem tão honesto assim.

POLÔNIO – Honesto, meu senhor?

HAMLET – É, sim. Honesto, neste mundo, só se pesca um entre dez mil.

POLÔNIO – Isso é bem verdade, meu senhor.

HAMLET – O sol gera vermes num cachorro morto quando beija a carniça... Você tem uma filha?

POLÔNIO – Tenho, sim, senhor.

HAMLET – Não deixe ela sair no sol. A concepção é uma bênção, mas não do jeito que sua filha pode conceber. Cuidado, amigo.

POLÔNIO – (*à parte*) O que quer dizer isso? Sempre tocando na minha filha. E de início nem me reconheceu. Disse que eu era um pescador. Está com a cabeça longe, muito longe! Para dizer a verdade, na minha juventude, eu sofri muito por amor, quase assim. Vou falar com ele de novo. O que está lendo, meu senhor?

HAMLET – Palavras, palavras, palavras.

POLÔNIO – Mas sobre o que, meu senhor?

HAMLET – Sobre o que como?

POLÔNIO – Quer dizer, sobre o que é isso que o senhor está lendo, meu senhor?

HAMLET – Calúnias, meu amigo. Pois este malandro diz aqui nesta sátira que os velhos têm barba grisalha, a cara enrugada, os olhos cheios de resina de âmbar, ou de goma de ameixa, e que não têm nenhum juízo, além da bunda mole demais. E tudo isso, embora eu acredite piamente e concorde com todas as forças, não acho que seja decente colocar por escrito. Pois o senhor mesmo teria a minha idade, se pudesse, como caranguejo, andar para trás.

POLÔNIO – (*à parte*) Apesar de loucura, tem um certo método. Meu senhor, não quer sair do vento?

HAMLET – E entrar no meu túmulo?

POLÔNIO – É fato, no túmulo não venta. (*à parte*) Como são cheias de sentido as respostas dele! São esses achados da loucura que a razão e a sanidade nem sempre alcançam. Mas vou deixar que fique aqui, para preparar depressa um jeito de ele encontrar minha filha. Meu honrado príncipe, tomo a liberdade de me retirar.

HAMLET – Ninguém toma nem retira de mim nada de que eu não me separe de boa vontade.... a não ser a vida, a não ser a vida, a não ser a vida.

Entram Rosencrantz e Guildenstern.

POLÔNIO – Adeus, meu senhor.

HAMLET – Esses idiotas velhos!

POLÔNIO – Vão falar com Hamlet. Ele está ali.

ROSENCRANTZ – (*para Polônio*) Deus lhe guarde, meu senhor!

Sai Polônio.

GUILDENSTERN – Meu honrado príncipe!

ROSENCRANTZ – Meu querido príncipe!

HAMLET – Meus amigos mais queridos! Como vai, Guildenstern? Ah, Rosencrantz! Como vão vocês, parceiros?

ROSENCRANTZ – Como simples filhos da terra.

GUILDENSTERN – Felizes por não sermos felizes demais. No chapéu da Fortuna, nós não somos a pena.

HAMLET – Nem a sola do sapato?

ROSENCRANTZ – Nem um, nem outro, príncipe.

HAMLET – Então vivem mais ou menos na cintura dela, no meio dos seus favores?

GUILDENSTERN – É, somos íntimos.

HAMLET – Das partes secretas da Fortuna? Ah! é verdade! A Fortuna é uma puta.
Alguma novidade?

ROSENCRANTZ – Nada, príncipe, só que o mundo ficou honesto.

HAMLET – Então estamos perto do juízo final! Mas essa sua novidade não é verdade.
Deixe eu perguntar direito. O que você fizeram, meus amigos, para merecer da Fortuna ser mandados para esta prisão?

GUILDENSTERN – Prisão, meu príncipe?

HAMLET – A Dinamarca é uma prisão.

ROSENCRANTZ – Então o mundo é.

HAMLET – Inteiro. Com muitas celas, calabouços e masmorras, a Dinamarca uma das piores.

ROSENCRANTZ – Achamos que não, senhor.

HAMLET – Então para você não é nada. Porque uma coisa só é boa ou má quando o pensamento diz que é assim. Para mim, é uma prisão.

ROSENCRANTZ – É a sua ambição que diz que é assim. É pequena demais para a sua alma.

HAMLET – Ah, Deus, eu podia estar preso numa casca de noz e me achar o rei do espaço infinito, se não tivesse sonhos maus.

GUILDENSTERN – Sonhos que são ambição. Porque a própria substância da ambição não passa da sombra de um sonho.

HAMLET – O próprio sonho não é mais que uma sombra.

ROSENCRANTZ – É mesmo. E acho a ambição uma coisa tão leve e transparente que não passa da sombra de uma sombra.

HAMLET – Então nossos mendigos são corpos e nossos monarcas e altos heróis sombras de mendigos. Vamos para a corte? Confesso que não estou conseguindo raciocinar.

AMBOS – Estamos às suas ordens.

HAMLET – Nada disso! Não quero vocês ao lado do resto dos meus criados, porque, para falar com franqueza, estou sendo horrendamente mal servido. Agora, no terreno firme da amizade, me digam o que estão fazendo em Elsinore?

ROSENCRANTZ – Uma visita ao senhor, príncipe. Só isso.

HAMLET – Mendigo que sou, sou pobre até em agradecimentos. Mas agradeço a vocês, e meus agradecimentos não valem nem um tostão. Não foram chamados, não? Vieram porque quiseram? Uma visita de livre vontade? Vamos lá, sejam sinceros comigo. Vamos, vamos, falem!

GUILDENSTERN – O que podemos dizer, meu príncipe?

HAMLET – Qualquer coisa, ora, mas que não seja fora de propósito. Vocês foram chamados. Eu vejo na sua cara um ar de confissão que não conseguem disfarçar. Eu sei que o bom rei e a rainha mandaram chamar vocês.

ROSENCRANTZ – Para que, meu príncipe?

HAMLET – Isso vocês vão me contar. Mas peço, pelos direitos de nossa amizade, pela harmonia da nossa juventude, pela obrigação do nosso afeto constante, e por tudo mais que um melhor negociador pudesse propor, sejam francos e diretos comigo, e digam se foram chamados ou não.

ROSENCRANTZ – (*à parte, para Guildenstern*) O que você diz?

HAMLET – Não, estou de olho em vocês. Se gostam de mim, não escondam nada.

GUILDENSTERN – Meu senhor, nós fomos chamados.

HAMLET – E vou dizer por que. Assim minha adivinhação dispensa a sua revelação e a sua fidelidade ao rei e à rainha não perde nem uma pena. Ultimamente, por algum motivo que não sei, perdi toda alegria, renunciei a todo costume de exercícios, minha disposição anda tão pesada que esta bela estrutura, a terra, me parece um monte estéril. Este excelente dossel, o ar, vejam vocês, este admirável firmamento, majestosa abóbada salpicada de fogos dourados, não me parece nada mais que uma combinação de vapores pestilentos. Que obra prima é o homem! Como é nobre na razão! Como é infinito em capacidades! em forma e em movimento tão admirável e preciso! na ação tão igual a um anjo! na apreensão tão igual a um deus! maravilha do mundo, paradigma dos animais! E para mim, porém, o que é essa quintessência do pó? Os homens não me divertem... não, nem as mulheres, apesar de você com esse sorriso achar que sim.

ROSENCRANTZ – Meu príncipe, eu não pensei nada disso.

HAMLET – Então por que riu quando eu disse “o homem não me diverte”?

ROSENCRANTZ – Porque pensei que se o senhor não se diverte com o homem os atores vão receber um tratamento bem magro por aqui. Passamos por eles no caminho e estão vindo oferecer seus serviços.

HAMLET – O que faz o rei vai ser bem vindo, sua majestade receberá de mim o seu tributo, o aventureiro haverá de usar sua armadura e seu escudo, o apaixonado não vai suspirar de graça, o dramático vai terminar sua parte em paz, o cômico há de fazer rir os que têm cócega nos pulmões, e a dama poderá dizer livremente o que quiser, senão o verso branco vira verso de pé quebrado. Que atores são esses?

ROSENCRANTZ – Aqueles mesmos com que o senhor tanto se divertia, os trágicos da cidade.

HAMLET – E por que estão viajando? Ganhariam mais fama e proveito se ficassem na sua terra.

ROSENCRANTZ – Acho que tiveram problemas com essa última inovação.

HAMLET – Ainda têm o mesmo prestígio de quando eu morava na cidade? Ainda atraem público?

ROSENCRANTZ – Na verdade, não.

HAMLET – Por que isso? Enferrujaram?

ROSENCRANTZ – Não, continuam com o empenho de sempre, mas apareceu uma ninhada de crianças, meu senhor, uns pintainhos que berram o texto e são tiranicamente aplaudidos por isso. Eles são a moda agora, e falam tanto mal do teatro comum (como eles dizem) que muita gente que usa espada na cinta tem medo desses que usam pena na mão e não têm coragem de comparecer.

HAMLET – O que? São crianças? Mantidos por quem? Sustentados como? Continuam na profissão depois de mudar de voz? Não vão dizer depois, se crescerem e virarem atores comuns (o que é provável, se não têm outros meios) que foram prejudicados pelos autores, levados a falar contra seu próprio futuro?

ROSENCRANTZ – Na verdade, tem acontecido muita coisa dos dois lados. E o país inteiro não vê nenhum pecado em promover a discórdia. Durante algum tempo, nenhuma peça fazia dinheiro a menos que autor e ator se pegassem.

HAMLET – É mesmo?

GUILDENSTERN – Ah, teve muita cabeça quebrada.

HAMLET – E os meninos saem ganhando?

ROSENCRANTZ – Ah, ganham, príncipe. Em todos os teatros.

HAMLET – Não é de estranhar. Meu tio é rei da Dinamarca e os que torciam o nariz para ele quando meu pai estava vivo, hoje pagam vinte, quarenta, cinquenta, cem ducados por um retrato dele em miniatura. Sangue de Cristo! Se a filosofia pudesse explicar, diria que tem aí alguma coisa que vai além do natural.

Fanfarra para os atores.

GUILDENSTERN – Os atores.

HAMLET – Cavalheiros, sejam bem vindos a Elsinore. Um aperto de mão, vamos lá! Todo o ritual de boas vindas como é do costume e do cerimonial. Quero cumprir isso tudo com vocês senão a minha recepção aos atores, que, garanto, vai ser bem vistosa, pode parecer maior que a de vocês. Sejam bem vindos. Mas meu tio-pai e minha tia-mãe estão enganados.

GUILDENSTERN – No que, meu senhor?

HAMLET – Eu só sou louco quando sopra o norte-noroeste. Quando o vento é sul não confundo gavião com passarinho.

Entra Polônio.

POLÔNIO – Tudo bem, senhores?

HAMLET – Escute, Guildenstern, e você também, em cada ouvido um ouvinte! Esse bebezão que vocês estão vendo ali ainda não saiu dos cueiros.

ROSENCRANTZ – Sorte dele estar assim pela segunda vez. Dizem que a velhice é uma segunda infância.

HAMLET – Pois eu profetizo que ele veio me anunciar os atores. Olhem só. Tem razão, foi mesmo na segunda-feira de manhã.

POLÔNIO – Meu senhor, trago uma notícia.

HAMLET – Meu senhor, trago uma notícia. Quando Roscius era ator em Roma...

POLÔNIO – Os atores chegaram, meu senhor.

HAMLET – Ele fala, fala!

POLÔNIO – Pelo que eles montam...

HAMLET – Cada ator no seu burro...

POLÔNIO – ...são os melhores atores do mundo, seja para tragédia, comédia, histórica, pastoral, pastoral-cômica, histórico-pastoral, trágico-histórica, trágico-cômica-histórica-pastoral; seja na cena de unidade, seja no poema infinito. Seneca não fica pesado, nem Plauto leve demais. Eles obedecem o texto sem perder a liberdade, são os melhores.

HAMLET – Oh, Jefté, juiz de Israel, que tesouro o seu!

POLÔNIO – Que tesouro era o dele, meu senhor?

HAMLET – Ora, uma bela filha e única,
que ele amava mais que tudo.

POLÔNIO – (*à parte*) Ainda a minha filha.

HAMLET – Não tenho razão, velho Jefté?

POLÔNIO – Já que me chama de Jefté, meu senhor, eu tenho uma filha que amo mais que tudo.

HAMLET – Não, não é assim que continua.

POLÔNIO – Como é então, meu senhor?

HAMLET – Assim: “Deus por sina determina”, e depois, você sabe, “Veio a acontecer, o que era de se prever”. Descubra o resto na primeira estrofe desse hino, porque, olhe, a minha interrupção está chegando.

Entram quatro ou cinco atores.

Bem vindos, mestres, bem vindos todos. Fico contente de ver todos bem. Bem vindos, meus amigos. Ah, meu velho amigo? A cortina do seu rosto está mais franzida que da última vez que nos vimos. Veio me puxar as barbas na Dinamarca? O que? Minha jovem dama e senhora? Minha nossa, sua graça está um salto de coturno mais perto do céu do que da última vez que nos vimos. Deus queira que sua voz não tenha rachado como uma moeda que não circula mais. Mestres, bem vindos todos. Vamos fazer como os falcoeiros franceses e voar logo em cima da presa. Quero ouvir uma fala. Agora. Vamos lá, uma amostra do seu talento. Vamos lá, uma fala apaixonada.

PRIMEIRO ATOR – Qual fala, meu caro senhor?

HAMLET – Você uma vez me declamou uma coisa que nunca foi encenada. Ou, se foi, não mais de uma vez. Porque a peça, eu me lembro, não agradou à multidão, era caviar para o populacho. Mas era, na minha opinião e na de outros que entendem mais do assunto do que eu, uma peça excelente, com as cenas bem organizadas, escritas com simplicidade sem perder a sabedoria. Lembro de alguém dizer que o texto não apelava para nenhum tempero especial para ser saboroso, e que as frases não mostravam nenhuma afetação do autor, que era um trabalho honesto, sadio e suave, e, de longe, mais belo do que refinado. O que mais gostei foi uma fala de Enéas para Dido, e, nesse trecho, principalmente quando ele fala da morte de Príamo. Se isso ainda estiver vivo na sua memória, comece com este verso... deixe eu ver, deixe eu ver:

“O rude Pirro, como o tigre hircânio”...

Não é assim, mas começa com Pirro:

“O rude Pirro, com suas negras armas,
sombrias tal o seu intento, iguais à noite
em que escondido no cavalo hediondo,
teve a figura já horrenda e sombria manchada
num brasão ainda mais terrível.
Da cabeça aos pés já ele é todo rubro,
do sangue untado de pais, mães, filhas, filhos,
que em crostras recobre as ruas ressecadas,
uma luz tirana e amaldiçoada lançando
sobre a morte de seu amo. Ardendo em ódio e fogo,
e assim gigante pelo sangue coagulado,
olhos como carbúnculos, o infernal Pirro
o velho senhor Príamo procura.”

Agora, continue você.

POLÔNIO – Deus do céu, meu senhor, bem falado, com bela dicção e belo entendimento.

PRIMEIRO ATOR – “E logo o encontra,
nos gregos desferindo golpes curtos demais,
A velha espada rebelde ao braço, jaz onde cai,
hostil ao comando. Em desigual combate

Pirro a Príamo se lança, irado, em largos golpes.
 Ao mero sopro e silvo da espada perversa
 cai o velho pai. Então, a insensata Tróia,
 parecendo sentir esse golpe, os tetos chamejantes
 põe por terra, e com horrendo estrondo
 cerra de Pirro o ouvido. Olha! A sua espada
 que já descia sobre a láctea cabeça
 do venerando Príamo, no ar se crava.
 E como a pintura de um tirano, Pirro,
 neutralizado na vontade e na matéria,
 nada faz.

E como sempre se vê antes da tempestade
 um silêncio nos céus, as nuvens paradas,
 o ousado vento mudo, e a esfera abaixo
 quieta tal a morte, para logo o hórrido trovão
 rasgar os ares, assim também, após a pausa de Pirro,
 incendiada vingança o lança à ação.
 Nunca o martelo dos cíclopes bateu
 a couraça de Marte, forjada para a eternidade,
 com menos dó que a sangrenta espada de Pirro
 então se abate sobre Príamo.
 Fora, fora, meretriz Fortuna! Ó, deuses todos,
 reunidos em conselho, despojai-a de poder,
 quebrai os eixos e raios de sua roda
 e rolai a esfera pela encosta do céu,
 até o fundo dos demônios!”

POLÔNIO – Comprido demais.

HAMLET – É o que o barbeiro acharia da sua barba. Por favor, continue. Para ele, se
 não for farsa, nem indecência, ele dorme. Continue. Vamos para Hécuba.

PRIMEIRO ATOR – “Mas quem, ó, quem viu a velada rainha...”

HAMLET - “Velada rainha”?

POLÔNIO - É bom! “Velada rainha” é muito bom.

PRIMEIRO ATOR – “...correr descalça, desvairada, ameaçando as chamas
 com suas cegas lágrimas, um trapo na cabeça

onde antes pousava a coroa, e por manto,
 envolta no flanco magro e de parir exausto,
 a manta no alarme do terror achada...
 Quem isso visse, com língua envenenada,
 contra a Fortuna traição clamaria.
 Se os próprios deuses a vissem então,
 quando ela viu Pirro com pérfido prazer
 com a espada retalhar os membros do marido,
 e o clamor em que logo explodiu
 (a menos que coisas mortais o não comovam)
 teria feito chorar os olhos de fogo do céu
 e despertado a compaixão dos deuses.”

POLÔNIO – Olhem, ele mudou de cor, e tem lágrimas nos olhos. Peça que pare!

HAMLET – Tudo bem. Vou querer que me diga o resto depois. Meu amigo, pode cuidar para os atores ficarem bem acomodados? Ouvia? Que sejam bem tratados, porque eles são a crônica breve e abstrata do tempo. É melhor ter um epitáfio negativo depois da morte do que cair em desgraça com eles enquanto vivo.

POLÔNIO – Meu senhor, vão ser tratados como merecem.

HAMLET – Nada disso, muito melhor! Se todo mundo for tratado como merece, quem escapa do chicote? Que sejam tratados como se tivessem a mesma honra e dignidade que o senhor. Quanto menos merecerem, maior será o seu mérito. Vá com eles.

POLÔNIO – Venham, senhores.

HAMLET – Vão com ele, meus amigos. Amanhã veremos uma peça.

Saem Polônio e atores, menos o Primeiro Ator.

Ouvia, amigo velho? Podem fazer “O assassinato de Gonzaga”?

PRIMEIRO ATOR – Podemos, sim senhor.

HAMLET – É essa que eu quero assistir amanhã à noite. Podem, se for preciso, decorar uma fala de umas doze, dezesseis linhas que vou escrever para intercalar no texto, não podem?

PRIMEIRO ATOR – Podemos, sim, senhor.

HAMLET – Tudo bem. Vá com aquele homem. E não caçoem dele.

Sai o Primeiro Ator.

Meus queridos amigos, nos vemos de noite. São muito bem vindos a Elsinore.

ROSENCRANTZ – Meu caro senhor!

HAMLET – É, é, Deus lhes guarde!

Saem Rosencrantz e Guildenstern.

Agora estou sozinho. Oh, que vagabundo, que escravo eu sou! Não é monstruoso que esse ator aí, em mera ficção, numa paixão inventada, consiga dobrar a alma ao seu próprio capricho de tal forma que, por obra dela, seu rosto se entristeça, nos olhos, lágrimas, o aspecto se perturbe, a voz se embargue, e toda sua ação assuma a forma de seu capricho? E tudo por nada! Por Hécuba! Quem é Hécuba para ele, ou ele para Hécuba, para chorar por ela? O que faria se tivesse o motivo e a deixa para a paixão que eu tenho? Inundaria o palco com lágrimas e explodiria o ouvido de todo mundo com gritos horrendos, enlouquecia os culpados e apavorava os inocentes, confundia os ignorantes, e deixava aturdidas as próprias faculdades de ver e ouvir. E eu, patife miserável, mole feito lama, divago, sonhador, negligente com a minha causa, e não consigo dizer nada! Não, nem para defender um rei cuja virtude e vida tão preciosas sofreram derrota tão maldita. Sou covarde? Quem me chama de vilão? Me racha a cabeça? Arranca a minha barba e me esbofeteia com ela? Me puxa pelo nariz? Me empurra a mentira garganta abaixo, até os pulmões? Quem faz isso comigo, ahn? Chagas de Cristo, é isso que eu mereço! porque não pode ser assim. Mas tenho fígado de pombo e me falta fel para amargar a opressão, senão já teria engordado os abutres com as entranhas deste escravo. Sanguinário depravado vilão! Desumano, traiçoeiro, lascivo, infame vilão! Oh, vingança! Que burro eu sou! Quanta valentia, eu, filho de um pai querido assassinado, obrigado à vingança pelo céu e pelo inferno, desabafando assim, feito uma vagabunda, o coração com palavras,

xingando como uma puta, sim, reles! Que vergonha! Pfhuh! Trabalha cérebro! Hum, disseram que uns criminosos, assistindo a uma peça, ficaram com a alma tão tocada pela força da cena que revelaram os seus crimes. Como o assassinato, mesmo não tendo língua, fala por algum órgão milagroso, vou fazer esses atores representarem para meu tio alguma coisa parecida com o assassinato de meu pai. E fico observando as reações dele, atento a tudo. Um tremor que seja, e eu saberei meu rumo. O espírito que eu vi pode ser um diabo. O diabo tem o poder de assumir uma forma agradável. É, e talvez por causa da minha fraqueza, da minha melancolia, ele é muito potente com espíritos assim, tenha me enganado para acabar comigo. Preciso de provas mais concretas que isso. A peça é a coisa onde vou pegar a consciência do rei.

Sai.

ATO III

Cena 1

Elsinore. Uma sala no castelo.

Entram o rei, a rainha, Polônio, Ofélia, Rosencrantz, Guildenstern e cortesãos.

REI – E vocês não conseguem, sem forçar a situação, saber dele o por que dessa confusão que agita com tanta aspereza a tranquilidade dos seus dias com uma turbulenta e perigosa loucura?

ROSENCRANTZ – Ele confessa mesmo que está perturbado, mas não há meios de revelar a causa.

GUILDENSTERN – E não nos parece disposto a aceitar conselhos: ele se isola numa loucura ardilosa quando tentamos fazer com que confesse o seu verdadeiro estado.

RAINHA – E recebeu bem vocês dois?

ROSENCRANTZ – Como um cavalheiro.

GUILDENSTERN – Mas com muito esforço para mostrar que está bem.

ROSENCRANTZ – Reservado nas perguntas, mas muito generoso nas respostas.

RAINHA – Conseguiram fazer com que se interessasse por algum passatempo?

ROSENCRANTZ – Minha senhora, acontece que cruzamos com alguns atores no caminho. Contamos isso a ele e pareceu ficar alegre com o que ouviu.

Estão aqui na corte e acho que já receberam ordens de se apresentar hoje de noite.

POLÔNIO – É verdade, e me pediu para convidar suas majestades para ver e ouvir a peça.

REI – De todo coração. Fico muito contente de saber que está assim. Meus caros senhores, colaborem para ele continuar assim disposto a esses prazeres.

ROSENCRANTZ – Às suas ordens, majestade.

Saem Rosencrantz e Guildenstern.

REI – Minha doce Gertrudes, saia você também. Mandamos, secretamente, chamar Hamlet aqui, para encontrar Ofélia como se fosse por acaso. O pai dela e eu, espiões leais, vamos nos esconder para, vendo sem ser vistos, podermos avaliar o encontro e descobrir pela conduta dele se é ou não por aflição de amor que tanto sofre.

RAINHA – Eu obedeco. Quanto a você, Ofélia, espero que a bênção da sua beleza seja a boa causa da perturbação de Hamlet. Como gostaria também que a sua virtude fizesse meu filho voltar para o seu devido caminho, pela honra de vocês dois.

OFÉLIA – Espero que sim, majestade.

Sai a rainha.

POLÔNIO – Ofélia, você fica andando por aqui. Sua Graça querendo, vamos nos esconder. (*para Ofélia*) Leia este livro. Vai dar mais colorido para a sua solidão. Quantas vezes nos acusam, e com toda a razão, de usar cara devota e atos piedosos para adoçar o diabo.

REI – (*à parte*) Ah, como isso é verdade! Que chicotada esse discurso para a minha consciência! A cara da rameira, bonita à custa de artifício, não é mais feia para o cosmético do que o meu ato para a minha palavra mais pintada. Oh, que pesada carga!

POLÔNIO – Acho que vem vindo. Vamos sair, meu senhor.

Saem o rei e Polônio.

Entra Hamlet.

HAMLET – Ser ou não ser. Eis a questão: é mais nobre sofrer na alma as pedras e flechadas de um destino ultrajante ou pegar em armas contra um mar de problemas, e enfrentando todos, acabar com eles? Morrer, dormir... mais nada. E no sono acabar com a aflição e os mil choques naturais que a carne traz em si. Essa é a consumação que se deve querer como uma bênção. Morrer, dormir. Dormir, sonhar talvez: isso é que é difícil! Porque os sonhos que podem existir nesse sono da morte, depois que nos livramos desta confusão mortal, nos fazem parar para pensar. É isso que tanto prolonga a calamidade desta vida. Quem há de preferir as chicotadas e o desprezo do tempo, a humilhação do opressor, a arrogância do orgulhoso, as dores do amor desprezado, a demora da lei, os desaforos do poder, e os chutes que os talentosos pacientemente recebem dos indignos, quando o próprio sujeito pode encontrar a paz na lâmina nua de um punhal? Quem é que agüenta esse fardo, gemendo e suando numa vida dura, senão pelo medo de alguma coisa depois da morte, o país desconhecido, fronteira que ninguém cruza de volta, que confunde a nossa vontade, que nos leva a preferir os males que já temos do que voar para outros que não conhecemos? É assim que a consciência transforma todo mundo em covarde, é assim que a cor natural da determinação acaba desbotada pela palidez do pensamento, e grandes projetos importantes perdem o rumo, e não podem ser chamados de ação. Quietos agora! A linda Ofélia! Ninfa, nas suas orações, lembre dos meus pecados.

OFÉLIA – Como tem passado esses dias todos?

HAMLET – Humildemente agradeço. Bem, bem, bem.

OFÉLIA – Tenho lembranças suas que já faz tempo quero devolver. Peça que aceite agora.

HAMLET – Não, não, eu nunca te dei nada.

OFÉLIA – Meu príncipe, sabe muito bem que deu, e junto com essas coisas, palavras tão doces que deixaram os presentes ainda mais ricos. Perdido o perfume, aceite isto de volta, porque para uma alma nobre o presente rico perde o valor se o doador não é mais gentil. Pegue, por favor.

HAMLET - Ha, ha! Você é honesta?

OFÉLIA – Como?

HAMLET – É bonita?

OFÉLIA – O que está querendo dizer?

HAMLET – Que se você é honesta e bonita, não deve deixar a sua honestidade ouvir a sua beleza.

OFÉLIA – E a beleza pode ter melhor companhia que a honestidade?

HAMLET – É, está certo. É mais fácil o poder da beleza transformar a honestidade em cafetina do que a força da honestidade fazer a beleza ficar igual a ela. Isso, um dia, foi um paradoxo, mas o nosso tempo prova que é verdade. Eu te amei um dia.

OFÉLIA – É, me fez mesmo acreditar que sim.

HAMLET – Não devia ter acreditado em mim. Não dá para enxertar a virtude em um velho tronco sem que ela fique contaminada. Eu não te amei.

OFÉLIA – Então me enganei ainda mais.

HAMLET – Vá para um convento. Por que ser uma procriadora de pecadores? Eu próprio até que sou honesto, e mesmo assim poderia acusar a mim mesmo de coisas tais que seria melhor minha mãe não ter me dado à luz. Sou muito orgulhoso, vingativo, ambicioso, com mais pecados ao alcance da mão do que sou capaz de pensar, de imaginar, do que tenho tempo de cometer. O que faz um sujeito como eu rastejando entre o céu é a terra? Somos todos infames, não acredite em nenhum de nós. Vá para um convento. Onde está seu pai?

OFÉLIA – Em casa.

HAMLET – Então tranque as portas para ele não sair, para não fazer papel de bobo em nenhum lugar que não seja a sua própria casa. Adeus.

OFÉLIA – Ah, meu bom Deus, ajude Hamlet!

HAMLET – Se você casar, eu te dou esta praga como dote: mesmo casta como gelo e pura como a neve, não vai escapar da calúnia. Vá para um convento. Vá, adeus. Ou se tiver mesmo de casar, case com um idiota, porque os homens sábios sabem muito bem como se transformam em monstros em suas mãos. Para o convento, vá. E depressa. Adeus.

OFÉLIA – Oh, poderes do céu, que Hamlet se cure!

HAMLET – Sei também das suas pinturas, eu vejo. Deus dá um rosto e vocês fazem outro. E rebolam, requebram, ciciam, põem apelidos nas criaturas de Deus

e fingem que sua malícia é ignorância. Basta, não quero mais saber disso! Foi isso que me enlouqueceu. Não haverá mais casamentos. Os que já são casados, todos menos um, viverão. O resto ficará como está. Para o convento, vá.

Sai.

OFÉLIA – Ah, uma alma tão nobre assim tão transtornada! Olho, voz, espada de cortesão, de sábio, de guerreiro, flor da esperança deste belo reino, espelho da moda, modelo da elegância, centro de todas as atenções... perdido, tão perdido! E eu, a mais triste e infeliz das mulheres, que provei o mel da música das suas promessas, agora vejo essa cabeça tão nobre e soberana perder o ritmo, perder o tom, como um belo sino que trincou. A forma e a força sem iguais da plena juventude arrasadas no delírio. Ah, pobre de mim, ter visto o que eu vi e ver o que vejo!

Entram o rei e Polônio.

REI – Amor? O jeito dele não tende para esse lado. E o que ele disse, embora um pouco confuso, também não parece loucura. A depressão está germinando alguma coisa na alma dele, e eu desconfio que o que vai nascer pode ser perigoso. Para prevenir isso, acabo de resolver o seguinte: ele vai imediatamente para a Inglaterra reclamar o tributo que estão nos devendo. Quem sabe o mar, terras diferentes, com objetivos outros, consigam lhe arrancar do coração essa idéia um tanto fixa com que o seu cérebro tanto luta e faz com que fique perturbado assim. O que acha disso?

POLÔNIO – Deve funcionar. Mas ainda acredito que a origem e o começo dessa tristeza estão no amor não correspondido. Então, Ofélia? Não precisa contar o que disse o príncipe Hamlet. Nós ouvimos tudo. Majestade, faça como quiser, mas se achar conveniente, depois do teatro, a rainha, mãe dele, podia tentar convencer o príncipe a confessar a causa do seu sofrimento. Ela que seja franca com o rapaz. E eu me coloco, se o senhor quiser, ao alcance de toda a conversa. Se a rainha não conseguir que ele se

abra, para a Inglaterra ele vai. Ou que seja confinado onde a sua sabedoria achar melhor.

REI – Assim será. A loucura dos grandes não pode ficar sem vigilância.

Saem.

Cena 2

Elsinore. Salão no castelo.

Entram Hamlet e três atores.

HAMLET – Falem a fala, por favor, como eu ensinei, escorregando na língua. Porque se berrarem, como muitos atores fazem, prefiro que o pregoeiro da cidade venha dizer os meus versos. Também não fiquem serrando o ar assim demais com a mão, mas sejam comedidos em tudo. Até na torrente, na tempestade, no torvelinho da paixão, vocês têm de sentir e demonstrar um equilíbrio que deixe a paixão redonda. Ah, me ofende a alma ouvir um grandalhão de peruca estraçalhar uma paixão, até acabar com ela, arrebatando o ouvido da platéia que, na maior parte, não é mesmo capaz de entender nada que não seja pantomima e berreiro. Eu por mim mandava açoitar um ator que exagera, que é mais Herodes que Herodes. Por favor, evitem isso.

ATOR – Eu garanto, meu príncipe.

HAMLET – Mas também não sejam muito mansos. Que o seu bom gosto seja o seu mestre. Combinem a ação com a palavra e a palavra com a ação, prestando muita atenção para não ultrapassar o limite do que é natural. Tudo que é exagerado não tem nada a ver com atuação, cujo objetivo, desde antes até agora, era e é, digamos, servir de espelho para a natureza. Mostrar à virtude a sua própria cara, ao desprezo a sua imagem, e à própria idade e corpo do seu tempo a forma e força que têm. Agora, isso exagerado, ou sem energia, por mais que faça o bobo rir, só desagrada a quem sabe pensar. E a opinião desses deve valer mais para vocês do que um teatro cheio dos outros. Ah, atores que eu já vi representando, e que ouvi serem elogiados, tanto, que pareciam sagrados, não tinham fala de cristãos nem porte de cristãos, nem de pagãos, nem de homens, gaguejavam e berravam

tanto que pensei que eram feitos, e mal feitos, por algum operário da natureza, de tão abominável o jeito que imitavam a humanidade.

ATOR – Acho que no nosso grupo a gente já corrigiu bastante isso.

HAMLET – Ah, pois corrija tudo! E não deixe os que fazem os cômicos falarem nada além do que o que foi escrito para eles. Porque alguns dão risada eles mesmos para fazer os espectadores mais sérios rirem também, deixando de lado alguma questão mais importante da peça. Isso é ruim e mostra uma lamentável ambição no idiota que age assim. Vão se aprontar.

Saem os atores.

Entram Polônio, Rosencrantz e Guildenstern.

E então? O rei vem assistir à peça?

POLÔNIO – E a rainha também, já estão chegando

HAMLET – Mande os atores se apressarem. *(sai Polônio)* Vocês podem ajudar também?

AMBOS – Pois não, meu senhor.

Saem os dois.

HAMLET – Horácio!

Entra Horácio.

HORÁCIO – Aqui, meu querido príncipe, a seu serviço.

HAMLET – Horácio, você é o homem mais sensato que eu conheço.

HORÁCIO – Ah, meu príncipe!

HAMLET – Não, não pense que estou elogiando, não. Que vantagem posso esperar de você, que não tem riqueza nenhuma a não ser a sua inteligência? Por que elogiar os pobres? Não, as línguas adoçam é o absurdo da pompa e os joelhos se dobram quando a adulação rende recompensas. Ouviu? Quando a minha alma passou a ter vontade própria e conseguiu distinguir entre os homens, ela escolheu você. Por sua integridade que agüenta tudo, sem agüentar nada. Um homem que sabe receber tanto os golpes quanto os

prêmios do Destino. Abençoado aquele em quem paixão e razão se misturam tão bem que não serve de gaita nos dedos do Destino, tocando o que ele quer. Me mostre um homem que não seja escravo da paixão, e eu guardo esse homem no fundo do meu coração, é, no coração do coração, como guardo você. Já estou exagerando. Vai haver um espetáculo para o rei hoje de noite. Uma das cenas é parecida com a situação da morte do meu pai que eu te contei. Quero pedir que você, quando assistir esse trecho, fique observando meu tio com toda atenção. Se a culpa que ele esconde não se revelar com essas falas, o fantasma que vimos é amaldiçoado e tudo o que eu imaginei mais perverso que o fogo do inferno. Fique muito atento, que eu não vou despregar os olhos da cara dele. Depois nós dois comparamos o que vimos.

HORÁCIO – Bom, meu príncipe. Se ele esconder alguma coisa enquanto a peça está passando e eu não detectar, eu pago o preço.

Fanfarra.

Entram trombetas e tambores. Marcha dinamarquesa.

Entra o rei, a rainha, Polônio, Ofélia, Rosencrantz, Guildenstern e outros cortesãos, e guardas carregando tochas.

HAMLET – Estão chegando. Tenho de ficar louco. Ache um lugar para você.

REI – Como vai nosso sobrinho Hamlet?

HAMLET – Ótimo mesmo. Receita de camaleão: comendo ar, recheado de promessas. Não é comida para engordar capões.

REI – Essa resposta não me diz nada, Hamlet. Não são palavras para mim.

HAMLET – Não, para mim também não são mais. (*Para Polônio*) O senhor disse que uma vez representou na universidade?

POLÔNIO – Foi, sim, meu senhor, e fui considerado um bom ator.

HAMLET – Fez que papel?

POLÔNIO – Fiz Júlio César. Era morto no Capitólio, Brutus me matava.

HAMLET – Que brutalidade a dele, matar um pateta de tanto capital. Os atores estão prontos?

ROSENCRANTZ – Estão, sim, senhor. Só esperando seu sinal.

RAINHA – Venha cá, meu querido, sente comigo.

HAMLET – Não, mãe. Tem aqui um ímã que atrai mais.

POLÔNIO – *(para o rei)* Oh-ho! O senhor viu isso?

HAMLET – Posso deitar no seu colo?

Senta-se aos pés de Ofélia.

OFÉLIA – Não.

HAMLET – Eu quis dizer a minha cabeça no seu colo?

OFÉLIA – Pode, sim.

HAMLET – Pensou que estava falando de intimidades?

OFÉLIA – Não pensei nada.

HAMLET – É a melhor coisa para se pôr entre as pernas de uma donzela.

OFÉLIA – O que?

HAMLET – Nada.

OFÉLIA – Está alegre, príncipe.

HAMLET – Quem, eu?

OFÉLIA – É.

HAMLET – Ah, meu Deus, seu melhor comediante! O que fazer se não ficar alegre? Olhe só minha mãe como parece alegre, e meu pai morreu não faz nem duas horas.

OFÉLIA – Não, duas vezes dois meses, príncipe.

HAMLET – Tudo isso? Então, que o diabo vista preto, que eu fico com uma roupa de pele. Ah, Deus, morto faz dois meses e ainda não esquecido! Então ainda resta esperança de que a memória de um grande homem sobreviva meio ano à sua morte. Mas, minha Nossa, tem de construir igrejas então, senão ninguém pensa nos mortos, como o cavalinho-de-pau que tinha um túmulo escrito assim “Ai, ai, ai! Ai, ai, ai! Ninguém mais monta em mim!”

Soam oboés. Começa a pantomima.

Entram o Ator Rei e a Atriz Rainha, muito amorosos.

A Atriz Rainha abraça o Ator Rei e o Ator Rei abraça a Atriz Rainha.

Ela se ajoelha e demonstra sua devoção por ele.

Ele a faz levantar e pousa a cabeça em seu pescoço.

Ele se deita num canteiro de flores.

Ela, vendo que está dormindo, o deixa sozinho.

Logo entra um sujeito, tira a coroa dele, beija a coroa, verte veneno dentro da orelha do Ator Rei adormecido e sai.

A Atriz Rainha volta, encontra o Ator Rei morto e faz uma demonstração apaixonada.

O envenenador volta com mais três ou quatro mímicos, e parece sentir pena dela.

O corpo é levado embora.

O envenenador corteja a Atriz Rainha com presentes.

Ela parece áspera e fechada durante um tempo, mas afinal aceita o amor dele.

Saem.

OFÉLIA – O que quer dizer isso?

HAMLET – Ah, um malfeito misterioso. Quer dizer uma maldade.

OFÉLIA – Parece que essa cena está contando o enredo da peça.

Entra o Prólogo.

HAMLET – Isso nós vamos saber com esse sujeito. Ator não sabe guardar segredo.
Eles contam tudo.

OFÉLIA – Ele vai contar o que queria dizer a cena?

HAMLET – Vai, e qualquer cena que mostrarem para ele. Se você não tiver vergonha de mostrar, ele não tem vergonha de interpretar.

OFÉLIA – Você é ruim, você é ruim! Quero ver a peça.

PRÓLOGO – Nós e nossa tragédia
nos curvamos à vossa clemência
e imploramos paciência

Sai.

HAMLET – Isso é um prólogo ou uma inscrição de anel?

OFÉLIA – É curto mesmo.

HAMLET – Como o amor da mulher.

Entram dois atores fazendo o Rei e a Rainha.

ATOR REI – Trinta voltas já passou o carro solar
 sobre o globo da terra e o salgado mar,
 trinta dúzias de luas com seu brilho reflexo
 trinta vezes doze vezes cerraram seu amplexo,
 des'que o amor em recíproca união
 os nossos corações juntou e as nossas mãos.

ATRIZ RAINHA – Que o sol e a lua nos façam contar
 outras tantas voltas antes do amor findar!
 Mas ai de mim! Andas tão adoentado,
 tão longe da alegria de teu antigo estado,
 que me preocupa. Mas esta preocupação
 não deve ser-te causa de perturbação.
 Na mulher o medo e o amor vivem equilibrados
 ou não são nada, ou são exagerados.
 De que eu te amo as provas tu já tens
 e o tamanho do amor, mede o medo também.
 Onde é grande o amor, a mera dúvida é temor.
 E onde cresce a dúvida, aí cresce o amor.

ATOR REI – Ouve: vou deixar-te em breve, minha querida,
 Vai perdendo a função a força de minha vida.
 E neste belo mundo a mim sobreviverás
 honrada, amada, e quem sabe encontrarás
 outro marido terno como...

ATRIZ RAINHA – Oh, não fale desse jeito!
 Outro amor seria traição no meu peito.
 Quem se casa de novo merece castigo!
 Só se casa com um novo quem matou o antigo.

HAMLET – (*à parte*) Veneno, veneno!

ATRIZ RAINHA – O que leva a um segundo casamento
 é o desejo de riqueza, não de sentimento.
 E segunda vez eu mato o meu esposo
 cada vez que o segundo me beija, afetuoso.

ATOR REI – Acredito sincera sua declaração
 mas nem sempre cumprimos nossa decisão,

que não passa de escrava da memória,
nasce violenta, mas tem curta história,
como o fruto verde no galho preso, duro,
cai ao chão sozinho quando está maduro.
E é por necessidade que esquecemos
o que achamos que a nós mesmos devemos.
O que por paixão nos propomos a fazer,
finda a paixão, tendemos a esquecer.
A violência tanto da tristeza quanto da alegria
a si mesma destrói por sua própria via.
Onde a alegria mais canta e a dor mais chora,
a dor se alegra e a alegria chora sem demora.
O mundo é passageiro e não é de estranhar
que até nossos amores mudem ao azar.
Pois é problema ainda a ser investigado
se o amor gera o destino, ou é por ele gerado.
Cai o poderoso, somem os escolhidos,
inimigos viram amigos do pobre enriquecido.
E até nisso o amor se rege pelo azar:
a quem não precisa, amigos parecem não faltar,
quando, ao buscar amigo, o necessitado
acaba achando um inimigo consumado.
Mas, para retomar nosso argumento primário,
desejos e destinos seguem rumos tão contrários
que sempre solapam o que a gente projeta.
As idéias são nossas, mas nunca as suas metas.
Pensas que não queres um segundo marido,
mas essa idéia morrerá quando eu tiver morrido.

ATRIZ RAINHA – Que a terra não me alimente, o céu não me dê luz,
e dia e noite a repouso e a alegria eu não faça jus,
que minha fé e esperança virem desesperação,
tudo que eu tenha seja uma cela de prisão,
e cada golpe que apaga o rosto da alegria
persiga e destrua tudo aquilo que eu teria,

que aqui e no além sofra angústia tenebrosa
se, depois de viúva, eu for de novo esposa!

HAMLET – Se ela agora quebrasse o juramento!

ATOR REI – Profunda jura. Deixa-me um pouco aqui ficar.

Minha consciência se enevoa. Quero enganar
com o sono o tédio do dia.

ATRIZ RAINHA – Que o sono te embale, pois.

(ele dorme) E nunca haja discórdia entre nós dois.

Sai.

HAMLET – O que acha da peça, mãe?

RAINHA – A rainha faz promessas demais, eu acho.

HAMLET – Ah, mas vai cumprir a palavra.

REI – Conhece o argumento? Não traz nenhuma ofensa?

HAMLET – Não, não! É tudo brincadeira, envenenam só de brincadeira. Nenhuma ofensa.

REI – Como se chama a peça?

HAMLET – “A ratoeira”. Ah, e por que? Figurativamente. A peça é sobre um assassinato cometido em Viena. O nome do duque é Gonzaga. O da mulher, Batista. O senhor logo vai ver. É uma obra prima de maldade, mas o que importa isso? Sua Majestade e eu somos espíritos livres, isso não nos toca. O cavalo selado reclama da sela, nós não levamos nenhuma carga nas costas.

Entra Ator Luciano.

Esse é Luciano, sobrinho do rei.

OFÉLIA – O senhor faz bem o coro, príncipe.

HAMLET – Eu seria um bom intérprete entre você e seu amor, se você me mostrasse as marionetes brincando.

OFÉLIA – Resposta afiada, príncipe, muito afiada.

HAMLET – Basta um gemido seu para baixar minha espada.

OFÉLIA – Melhor ainda, e pior.

HAMLET – É assim que vocês escolhem seus maridos. Comece logo, assassino. Droga, pare de fazer careta e comece logo! Vamos lá, o corvo tem de crocitar pedindo vingança.

ATOR LUCIANO – Negros pensamentos, mãos prontas ao ato,
a droga certa, ninguém por perto, o momento exato,
Pútrida poção de ervas noturnas misturadas,
três vezes malditas, três vezes infectadas,
a tua força horrenda e natural magia
usurpa num segundo a vida mais sadia.

Verte o veneno na orelha dele.

HAMLET – Ele envenena o rei no jardim para ficar com o trono. O nome do rei é Gonzaga. A história existe, escrita em muito bom italiano. O senhor logo vai ver como o assassino consegue o amor da esposa de Gonzaga.

OFÉLIA – O rei levantou!

HAMLET – O que? Assustado com fogo falso?

RAINHA – O que você tem?

POLÔNIO – Parem a peça!

REI – Quero um pouco de luz! Vamos!

TODOS – Luz! Luz! Luz!

Saem todos, menos Hamlet e Horácio.

HAMLET – O gamo ferido se esconde a chorar,
brinca a corça não ferida.
Para um dormir, outro tem de vigiar:
assim é a vida.
Será que se o meu destino me trair, isto aqui, uma floresta de plumas e dois laços no sapato enfeitado me conseguem um lugar num grupo de atores?

HORÁCIO – Meio salário.

HAMLET – Inteiro, eu!

Saiba você, amigo de todas as horas,

um rei divino aqui perdeu a luta
 e em seu lugar está reinando agora
 um grande... um grande... pavão.

HORÁCIO – Podia ter rimado.

HAMLET – Meu querido Horácio, aposto mil libras na palavra do fantasma! Você viu?

HORÁCIO – Muito bem, meu príncipe.

HAMLET – Quando se falou de veneno?

HORÁCIO – Notei bem o que ele fez.

HAMLET – Aha! Vamos lá, música! As flautas!

Porque se a comédia o rei reprova,
 parece que a prova se comprova.

Música, vamos!

Entram Rosencrantz e Guildenstern.

GUILDENSTERN – Meu caro senhor, me permita uma palavra.

HAMLET – Ora, uma história inteira.

GUILDENSTERN – O rei, príncipe...

HAMLET – Sei, o que tem?

GUILDENSTERN – Se isolou, muito alterado.

HAMLET – De bebida?

GUILDENSTERN – Não, senhor. De cólera, isso sim.

HAMLET - Você se mostraria mais sábio se fosse contar isso ao médido, porque se eu
 for cuidar do purgante, o desarranjo dele vai ser maior ainda.

GUILDENSTERN – Meu caro senhor, peço que controle um pouco as suas idéias e não
 fique assim tão arisco ao meu assunto.

HAMLET – Eu sou manso, pode falar.

GUILDENSTERN – A rainha, sua mãe, muito aflita, me mandou aqui.

HAMLET – Seja bem vindo.

GUILDENSTERN – Não, meu caro senhor, essa cortesia não interessa agora. Se quiser
 me dar uma resposta sensata, cumpro a ordem de sua mãe. Se não, peço
 desculpas, me retiro e está encerrada a minha missão.

HAMLET – Eu não posso.

GUILDENSTERN – O que, meu senhor?

HAMLET – Dar uma resposta sensata. Estou doente da cabeça. Mas a resposta de que sou capaz está às suas ordens, ou melhor, às ordens de minha mãe. Portanto, basta, vamos ao que interessa: minha mãe você disse...

ROSENCRANTZ – Então. Ela disse que ficou surpresa e admirada com a sua atitude.

HAMLET – Oh, que filho maravilhoso, capaz de surpreender uma mãe! Mas o que vem no rastro dessa admiração materna? Fale!

ROSENCRANTZ – Ela quer falar com o senhor no quarto dela, antes de o senhor ir deitar.

HAMLET – Obedeceremos, como se ela fosse dez vezes nossa mãe. Tem mais alguma coisa a tratar conosco?

ROSENCRANTZ – Príncipe, o senhor antes gostava de mim.

HAMLET – E ainda gosto, juro por estes larápios e ladrões!

ROSENCRANTZ – Qual é a causa da sua perturbação? O senhor fecha a porta da sua própria liberdade, escondendo seu sofrimento de um amigo.

HAMLET – Não tenho futuro.

ROSENCRANTZ – Como pode ser isso? se o senhor tem a palavra do próprio rei de que é o sucessor na Dinamarca?

HAMLET – É, sim, mas “enquanto a grama cresce”... O provérbio anda meio embolorado.

Entram atores com flautas.

Ah, as flautas! Deixe eu ver. Para encerrar o assunto, me diga por que está me perseguindo como se quisesse me pegar na rede?

GUILDENSTERN – Ah, príncipe, se a minha missão é audaciosa, o meu afeto perde a compostura.

HAMLET – Não entendi muito bem. Quer tocar flauta?

GUILDENSTERN – Eu não sei, não, senhor.

HAMLET – Estou pedindo.

GUILDENSTERN – É verdade, eu não sei.

HAMLET – Eu suplico.

GUILDENSTERN – Não sei nem segurar, meu senhor.

HAMLET – É mais fácil que mentir. Você controla estes buraquinhos com os dedos, assopra com a boca, e ela faz um discurso de muita eloquência musical. Olhe, estes aqui são os registros.

GUILDENSTERN – Mas não sei tirar disso aí nada harmonioso. Não tenho esse talento.

HAMLET - Pois veja só como você me considera uma coisa insignificante! Queria me fazer cantar, achou que conhecia os meus registros, que podia arrancar de mim o coração do meu mistério, que podia me tocar desde a nota mais baixa até o alto da minha escala. E este pequeno instrumento aqui, que tem muita música, tem ótimo som, você não é capaz de fazer falar. Sangue de Cristo, acha que eu sou mais fácil de tocar do que uma flauta? Pode me chamar do instrumento que quiser, mas por mais que me toque, nunca vai me fazer tocar.

Entra Polônio.

Deus o tenha!

POLÔNIO – Meu príncipe, a rainha quer falar com o senhor. Agora.

HAMLET – Está vendo aquela nuvem com a forma quase de um camelo?

POLÔNIO – Nossa Senhora, parece um camelo mesmo.

HAMLET – Acho que parece mais uma doninha.

POLÔNIO – Tem as costas de doninha.

HAMLET – Ou uma baleia.

POLÔNIO – Parece muito uma baleia.

HAMLET – Então vou ver minha mãe agora. (*à parte*) Eles abusam para ver até onde eu agüento. (*a Polônio*) Eu já vou.

POLÔNIO – Vou anunciar.

Sai.

HAMLET – “Já vou.” É fácil de dizer. Saiam, meus amigos.

Saem todos, menos Hamlet.

Esta é a hora enfeitada da noite em que os cemitérios bocejam e o próprio inferno solta o seu bafo contagioso pelo mundo. Eu podia agora beber sangue quente e fazer coisas tão amargas que o dia estremeceria se me visse. Calma! Minha mãe agora! Oh, coração, não se perca de si, não permita que a alma de Nero penetre a firmeza deste peito. Que eu seja cruel, mas não desnaturado, que minha fala corte como um punhal, mas que eu não use nenhum. Que minha boca e alma sejam nisso hipócritas... E por mais que minhas palavras possam ferir, não permita, minha alma, que venham a se cumprir!

Sai.

Cena 3

Uma sala no castelo.

Entram o rei, Rosencrantz e Guildenstern.

REI – Não gosto disso, e nem é seguro para nós deixar grassar essa loucura dele. Preparem-se, portanto. Vou despachar imediatamente para vocês serem comissionados a ir com ele para a Inglaterra. Nosso reino não está em estado de suportar um perigo tão próximo de nós, que pode brotar a qualquer momento das suas loucuras.

GUILDENSTERN – Nós estaremos prontos. É um dever santo e sagrado defender as muitas e muitas vidas que vivem e dependem de sua majestade.

ROSENCRANTZ – Uma simples vida individual tem a obrigação de se defender com toda força e vigor. Muito mais ainda o espírito de cujo bem estar dependem as vidas de muitos. Nenhum rei morre sozinho, porque, como um redemoinho, ele leva consigo tudo o que está perto. É uma grande roda, presa no alto da montanha mais alta, com dez mil coisas menores encaixadas e presas nos seus raios. Quando ela tomba, todo pequeno anexo, cada banal dependência, acompanha a ruidosa queda. Quando suspira o rei, com ele geme o povo.

REI – Preparem-se, por favor, para partir depressa. Vamos acorrentar esse medo que circula agora em liberdade.

AMBOS – Vamos já.

Saem os dois.

Entra Polônio.

POLÔNIO – Majestade, ele está indo para o quarto da mãe. Vou me esconder atrás da cortina para ouvir a conversa. Garanto que ela vai censurar o filho. E, como disse o senhor, e disse sabiamente, é bom que mais algum ouvido escute o que for dito, além da mãe, já que a natureza fez as mães parciais. Adeus, meu soberano. Antes de o senhor dormir eu lhe conto o que descobrir.

REI – Muito obrigado.

Sai Polônio.

Oh, meu crime é extremo, e exala ao céu. Sobre ele pesa a mais antiga, a maldição primeira, o assassinato de um irmão! Rezar não posso, embora deseje com a força de uma ordem. A minha culpa é pior que a minha melhor intenção e como um homem que está diante de um duplo compromisso, eu hesito, sem saber por onde começar, e abandono a ambos. Mesmo que esta maldita mão estivesse ainda mais grossa do sangue de meu irmão, não haveria em todo o céu bondoso chuva bastante para lavar até ficar mais branca do que a neve? Para que serve a misericórdia senão para encarar o pecado? E o que é a oração senão esta dupla força que nos segura antes da queda, ou nos perdoa quando já caímos? Eu posso então levantar os olhos, meu pecado é passado. Mas, oh, que forma de oração pode servir para mim? “Perdão por meu horrendo crime”? Não pode ser, porque eu ainda possuo tudo aquilo que me levou a cometer o crime: minha coroa, minha própria ambição, minha rainha. Dá para ser perdoado e conservar o fruto do crime? Na onda de corrupção deste mundo, a mão dourada do crime pode dobrar a justiça, e muitas vezes se vê o próprio prêmio da maldade comprando a lei. Mas não é assim no céu. Lá não existe escapatória, lá nossas ações aparecem com sua cara verdadeira e nós próprios somos levados por nossa própria culpa a testemunhar. E agora? O que resta? Ver o que pode o arrependimento. O

que ele não pode? Mas o que pode quando alguém não pode se arrepender? Oh, que maldito estado! Oh, peito negro como a morte! Oh, alma viscosa que quanto mais luta para se libertar, mais se enrola! Anjos, valei-me! Vamos tentar. Dobrem, joelhos teimosos! Fios de aço do meu coração sejam macios como os tendões de um recém-nascido! Ainda pode dar certo.

Ele se ajoelha.

Entra Hamlet.

HAMLET – Podia ser agora, agora que ele está rezando. Eu ajo agora. (*tira a espada*) Ele vai para o céu, e assim me vingou. Preciso pensar. Um canalha mata meu pai e por isso eu, seu único filho, mando esse canalha para o céu. Isso é prêmio, não vingança! Ele matou meu pai de surpresa, cheio de pão, na plenitude dos seus crimes, como no vigor da primavera. E em que pé estão as contas desse aí, quem sabe senão o céu? Neste momento, pelo que se sabe, a culpa dele é pesada. Será que eu me vingou se acabar com ele enquanto purifica a alma, quando está pronto e preparado para a passagem? Não. Volte, espada, e espere um momento mais horrendo. Quando estiver dormindo, bêbado. Ou furioso. Ou no incestuoso prazer da cama. No jogo, xingando, ou no meio de um ato sem nenhuma chance de salvação... Então, derrube, e que ele caia com os pés chutando o céu e a alma mais danada e negra do que o inferno para onde vai. Minha mãe está me esperando. Com esse remédio vai a doença dos seus dias prolongando.

Sai.

REI – (*levanta-se*) Minhas palavras sobem, meus pensamentos não saem do chão.

Palavras sem pensamentos nunca ao céu se elevarão.

Sai.

Cena 4

Quarto da rainha.

Entram a rainha e Polônio.

POLÔNIO – Ele já vem. Seja severa com ele. Diga que essas molecagens já passaram dos limites e que Sua Graça já teve de aguentar muita coisa em defesa dele. Eu fico quieto aqui. Por favor, seja clara com ele.

HAMLET – *(fora de cena)* Mãe, mãe, mãe!

RAINHA – Sossegue. Não tenha medo. Vá. Ele está chegando.

Polônio se esconde atrás da cortina.

Entra Hamlet.

HAMLET – Então, mãe, o que foi?

RAINHA – Hamlet, você ofendeu muito o seu pai.

HAMLET – Mãe, você ofendeu muito o meu pai.

RAINHA – Ora, ora, que resposta sem sentido.

HAMLET – Fora, fora, que pergunta sem sentimento.

RAINHA – Por que? Como assim, Hamlet?

HAMLET – O que foi agora?

RAINHA – Esqueceu quem eu sou?

HAMLET – Não, pela Santa Cruz, não! A senhora é a rainha, esposa do irmão do seu marido, e, antes não fosse, é minha mãe!

RAINHA – Sei. Então vou chamar quem saiba falar com você.

HAMLET – Não, não, sente aí. Não vai se mexer daqui enquanto eu não colocar na sua frente um espelho para ver o mais fundo de si mesma.

RAINHA – O que vai fazer? Vai me matar? Socorro, socorro, ai!

POLÔNIO – *(atrás da cortina)* Como? Socorro, socorro, socorro!

HAMLET – *(tira a espada)* O que? Um rato? Morto por um ducado, morto!

Enfia a espada na cortina e mata Polônio.

POLÔNIO – *(atrás do pano)* Oh, estou morto!

RAINHA – Ai, o que você fez?

HAMLET – Não sei. É o rei?

RAINHA – Ai, que gesto estúpido e sangrento é esse?

HAMLET – Sangrento... Quase tão mau, minha mãe, quanto matar um rei e casar com seu irmão.

RAINHA – Matar um rei?

HAMLET – É, mãe, foi o que eu disse.

Ele levanta o pano e vê Polônio.

Idiota miserável, imprudente, intrometido, adeus! Achei que era alguém melhor. Receba o seu destino. Aprendeu que ser prestativo demais é perigoso. Pare de torcer as mãos. Calma! Sente aí, que eu vou torcer seu coração, se ele ainda for feito de matéria penetrável, se ele ainda não se acostumou com o mal a ponto de se transformar numa muralha contra o sentido.

RAINHA – O que foi que eu fiz para você ousar me dizer coisas tão duras?

HAMLET – Um ato que apaga a graça e o rubor do recato, que faz da virtude hipocrisia, que arranca a rosa da bela frente de um amor inocente e ali deixa uma chaga, que faz os votos conjugais soarem mais falsos que juras de jogador. Que arranca a alma do corpo do casamento e faz da doce religião uma cantilena de palavras! O rosto do céu deve estar em fogo. É, e esta matéria sólida, compacta, fica mais triste que no dia do Juízo Final, tocada por esse ato.

RAINHA – Ai, que ato é esse que tão alto ruge e troveja antes mesmo de ser mencionado?

HAMLET – Olhe esta figura. E esta. Retratos fiéis de dois irmãos. Veja a graça que existe nesta cabeça. Cabelos do deus do sol, testa do próprio Júpiter, o olhar de Marte, que ameaça e manda, o porte de Mercúrio mensageiro luzindo no monte que beija o céu: conjunto e forma em que, de fato, todos os deuses parecem pôr seu selo para dar ao mundo a garantia de um homem. Este era seu marido. Agora olhe o outro. Este é seu marido. Como uma espiga mofada contaminando o irmão sadio. A senhora tem olhos? Como pode deixar o pasto desta montanha bela, para engordar neste charco? Ah! se tem olhos não pode chamar isso de amor. Na sua idade, o auge do sangue já amansou, e, sereno, ouve a consciência. E quem, em sua consciência, trocaria isto por isto? Sentidos a senhora tem, sem dúvida,

senão não agiria. Mas esses sentidos sem dúvida estão perturbados, porque a loucura não erra, nem os sentidos se submetem a tal ponto ao delírio, conservando sempre algum grau de discernimento para usar numa comparação como essa. Que demônio conseguiu transformar assim a senhora em cabra-cega? Olhos sem tato, tato sem visão, ouvidos sem mãos, sem olhos, olfato sem nada, ou só uma parcela doente de um sentido real poderia assim se equivocar. Oh, vergonha! Onde está seu pudor? Se a rebeldia do inferno é capaz de explodir nos ossos de uma matrona, que no fogo da juventude a virtude seja como cera, e derreta no seu próprio fogo. Diga que não é vergonha ceder ao ataque do ardor, porque o gelo também queima igual, e a razão cafetina a vontade.

RAINHA – Oh, Hamlet, não fale mais! Você vira os meus olhos para a minha própria alma e nela vejo manchas tão negras e duras que deixarão sua marca para sempre.

HAMLET – É, viver no suor azedo de uma cama ensebada, banhada em corrupção, melosa, fazendo amor numa pocilga imunda!

RAINHA – Oh, não fale mais nada! Essas palavras são como punhais nos meus ouvidos. Basta, Hamlet querido!

HAMLET – Um assassino sórdido! Escravo que não vale o vigésimo do dízimo de seu antigo senhor, um bobo da corte entre reis, um ladrão do império e da lei que roubou de uma estante o diadema precioso e meteu no bolso!

RAINHA – Basta!

HAMLET – Um rei de farrapos e remendos...

Entra o Fantasma.

Salve-me, paire sobre mim com suas asas, guardas celestiais! O que quer de mim, nobre figura?

RAINHA – Meu Deus, está louco!

HAMLET – Veio ralhar com seu lerdo filho que deixa passar o tempo e a paixão de cumprir o seu terrível mandamento? Oh, diga!

FANTASMA – Não esqueça. Esta visita é a pedra que afia o corte de sua determinação. Mas olhe, sua mãe está perplexa. Oh, fique entre ela e a sua alma agitada. Quanto mais fraco o corpo mais forte a paixão. Fale com ela, Hamlet.

HAMLET – O que aconteceu, mãe?

RAINHA - O que aconteceu é com você, que fica olhando o vazio, conversando com o ar sem corpo? Seus olhos brilham como espíritos. Como soldados acordados pelo alarme, seu cabelo se eriça e fica em pé. Ah, meu filho querido, apague o fogo do seu descontrole com o orvalho da paciência! O que está olhando?

HAMLET – Ele, ele! Olhe como brilha de tão pálido! Sua forma e sua causa, juntas, seriam capazes de levantar as pedras. (*para o Fantasma*) Não me olhe assim, para que essa bondade não amoleça a firmeza da minha decisão. E o que eu tenho de fazer não perca a cor, lágrimas no lugar de sangue.

RAINHA – Para quem está dizendo isso?

HAMLET – Não está vendo nada ali?

RAINHA – Nada. Só o que existe ali.

HAMLET – Não escuta nada também?

RAINHA – Não, nada a não ser nós dois.

HAMLET – Olhe, olhe ali! Olhe como vai embora! Meu pai, com a roupa que usava em vida! Olhe, está saindo pelo portal!

Sai o Fantasma.

RAINHA – É uma invenção da sua cabeça. O delírio é muito esperto para criar coisas sem corpo.

HAMLET – Delírio? Meu pulso bate com um ritmo tão normal quanto o seu, música sadia. Não é loucura o que eu falei. Me ponha à prova e eu repito o que disse, quando a loucura confundiria tudo. Mãe, pelo amor de Deus, não cubra sua alma com esse unguento mentiroso de que é minha loucura que fala, e não sua transgressão. Isso só serviria para encobrir a úlcera com uma película, enquanto a corrupção, minando por dentro, infecta tudo sem ser vista. Confesse ao céu, se arrependa do passado, evite o que está por vir. Não jogue adubo nas ervas daninhas que elas crescem mais viçosas. Me perdoe essa minha virtude, mas na devassidão deste nosso tempo sórdido, a própria virtude tem de pedir perdão ao vício, é, tem de jogar-se aos seus pés e pedir permissão para fazer o bem.

RAINHA – Ai, Hamlet, você partiu em dois meu coração.

HAMLET – Ah, jogue fora a parte pior, e viva mais pura com a outra metade. Boa noite. E não vá para a cama de meu tio. Finja virtude, se não tiver nenhuma. O costume, esse monstro que toda razão devora em maus hábitos, nisso é um anjo, porque também ao ato justo e bom dá farda ou libré que logo vestimos. Contenha-se esta noite e isso deverá deixar mais fácil à próxima abstinência, e a próxima ainda mais fácil, pois o uso é quase capaz de mudar a natureza, e dominar o diabo ou expulsá-lo com incrível poder. Boa noite, uma vez mais. E quando tiver o desejo de ser abençoada, a sua bênção eu pedirei. Quanto a este senhor, eu me arrependo. Mas o céu quis assim: que eu fosse o castigo dele e ele o meu, que eu fosse o seu carrasco e o seu ministro. Vou cuidar dele e responder pela morte que lhe dei. Então, de novo, boa noite. Tenho de ser cruel, mas só para ser honesto. Assim começa o mal, pior será o resto. Uma palavra mais, mãe.

RAINHA – O que eu devo fazer?

HAMLET – De jeito nenhum o que eu vou pedir que faça: deixe que o rei inchado atraia de novo a senhora para a cama, que belisque a sua bochecha com lascívia, que chame a senhora de minha ratinha. Deixe que lhe dê uns beijos sujos, e agrade seu pescoço com seus dedos malditos, e arranque da senhora esta história toda, que eu não estou louco de verdade, mas só por fingimento. Seria bom ele saber pela senhora, pois quem, senão uma rainha, justa, sóbria, sábia, poderia esconder uma coisa dessas desse sapo, desse morcego, desse gato capado? Quem faria uma coisa dessas? Não, apesar do bom senso e do segredo, abra a gaiola no telhado da casa, deixe os passarinhos saírem voando, e, como o macaco da fábula, só para experimentar, entre na gaiola, pule para voar e quebre o pescoço lá embaixo.

RAINHA – Pode ter certeza de que, se as palavras são feitas de alento, e o alento de vida, não tenho vida em mim para aspirar ao que você me disse.

HAMLET – Vou para a Inglaterra. Sabia disso?

RAINHA – Ai, tinha esquecido! Está resolvido então.

HAMLET – A ordem está selada e meus dois colegas de escola, em quem confio menos que em dentes de cobra, são meus acompanhantes. Eles é que vão preparar o caminho e me levar para a armadilha. Que funcione: é divertido ver o

engenheiro explodir com a própria bomba. Pode ser difícil, mas hei de cavar dois palmos abaixo das suas minas e explodir os dois até a lua. Ah, como é bom, ver duas bombas numa mesma explosão. Este homem me força a fazer as malas. Levo suas tripas para a sala ao lado. Mãe, boa noite. Este conselheiro agora está muito quieto, muito grave e calado, quando em vida era um idiota consumado. Vamos lá, dar um fim no senhor. Boa noite, mãe.

Sai Hamlet puxando Polônio.

ATO 4

Cena 1

Elsinore. Uma sala do castelo.

Entra o rei.

REI – Esses suspiros, essa respiração profunda, precisam explicação. Temos de saber. Onde está seu filho?

RAINHA - Ah, meu marido, o que eu vi esta noite!

REI – O que, Gertrudes? Como está Hamlet?

RAINHA – Mais louco do que o mar e o vento quando medem forças. Ouviu alguma coisa atrás da cortina, e num ataque descontrolado, puxou a espada, gritou “Um rato, um rato!” e tomado assim matou o bom velho escondido.

REI – Que horror! Teria acontecido o mesmo conosco se estivéssemos lá. A liberdade dele é uma ameaça para todos nós. Para você mesma, para nós, para todos. Ah, como reagir a esse sangue derramado? Isso vai ser cobrado de nós que devíamos ter controlado, reprimido, isolado esse jovem louco. Mas era tanto o nosso amor, que não percebemos o que era preciso, como alguém que não quer que saibam quando tem uma doença feia e por isso se deixa devorar até a medula. Onde ele está?

RAINHA – Foi dar um fim no corpo que matou. E nisso a sua loucura brilha pura como ouro entre metais sem valor: ele chora pelo que fez.

REI – Ah, Gertrudes, vamos! Antes que o sol toque as montanhas temos de mandar Hamlet embora daqui. Temos de justificar e desculpar esse ato horrível com toda a nossa majestade e perícia. Guildenstem!

Entram Rosencrantz e Guildenstern.

Meus amigos, vão vocês dois procurar alguma ajuda. Hamlet, enlouquecido, matou Polônio, e saiu do quarto da mãe arrastando o corpo. Procurem por ele, conversem com calma e levem o corpo para a capela. Por favor, depressa.

Saem Rosencrantz e Guildenstern.

Venha, Gertrudes, vamos chamar nossos amigos mais sábios e contar o que pretendemos fazer e o que, sem aviso, já foi feito. Assim a calúnia que corre o mundo levando o seu veneno como o canhão ataca o alvo, talvez passe longe do nosso nome e só atinja o ar que não se fere. Oh, vamos embora. Minha alma está aflita e confusa agora.

Saem.

Cena 2

Elsinore. Um corredor do castelo.

Entra Hamlet.

HAMLET – Está bem guardado.

ROSENCRANTZ e GUILDENSTERN - (*fora de cena*) Hamlet! Príncipe Hamlet!

HAMLET – Calma! Que barulho é esse? Quem chama Hamlet! Ah, esses dois.

Entram Rosencrantz e Guildenstern.

ROSENCRANTZ – O que fez com o corpo, príncipe?

HAMLET – Misturei com o pó, parente dele.

ROSENCRANTZ – Diga onde está, que nós dois queremos levar para a capela.

HAMLET – Não acredito.

ROSENCRANTZ – Em que?

HAMLET – Que seja melhor ir pela sua cabeça que pela minha. Além disso, que resposta o filho do rei deve dar quando uma esponja faz uma pergunta?

ROSENCRANTZ – Acha que sou uma esponja, príncipe?

HAMLET – Acho, sim. Que se encharca com ajudas, com recompensas, com os encargos do rei. São esses que prestam o melhor serviço ao rei, afinal. Feito um macaco, ele guarda esse tipo de gente num canto da boca, já mastigada, para engolir depois. Quando precisa do que vocês chuparam é só apertar e vocês, esponjas, ficam secas de novo.

ROSENCRANTZ – Não estou entendendo, príncipe.

HAMLET – Melhor para mim. O discurso malicioso dorme no ouvido cretino.

ROSENCRANTZ – Príncipe, tem de nos dizer onde está o corpo e ir conosco até o rei.

HAMLET – O corpo está com o rei, mas o rei não está com o corpo. O rei é uma coisa...

GUILDENSTERN – Uma coisa, príncipe?

HAMLET – De nada. Me levem até ele. A raposa se esconde, todos atrás.

Sai correndo, perseguido pelos outros.

Cena 3.

Elsinore. Uma sala do castelo.

Entra o rei.

REI – Mandei buscar Hamlet e encontrar o corpo. Como é perigoso esse homem à solta! Mas não podemos usar com ele o rigor da lei. É amado pelo povo insensato que ama com os olhos, não com o discernimento. Quando é assim, melhor levar em conta o criminoso, nunca o crime. Para deixar isso tudo no lugar, essa súbita partida dele tem de parecer cuidadosamente planejada. Doenças desesperadas se curam com remédios desesperados. Ou não se curam.

Entra Rosencrantz.

E então? O que aconteceu?

ROSENCRANTZ – Não conseguimos fazer com que dissesse onde escondeu o corpo, majestade.

REI – Mas onde está ele?

ROSENCRANTZ – Aí fora, majestade, guardado, esperando as suas ordens.

REI – Faça ele entrar.

ROSENCRANTZ – Guildenstern! Traga o príncipe.

Entram Hamlet e Guildenstern.

REI – Então, Hamlet, onde está Polônio?

HAMLET – No jantar.

REI – No jantar? Onde?

HAMLET – Não comendo, sendo comido. Um certo congresso de vermes políticos está cuidando dele. O verme é o único imperador do nosso regime. Engordamos todas as outras criaturas para elas nos engordarem, e nós nos engordamos para os vermes. Nosso gordo rei e nosso magro mendigo são só cardápios diferentes, dois pratos para a mesma mesa. O fim é esse.

REI – Ai, ai!

HAMLET – O homem pode pescar com um verme que comeu um rei e comer o peixe que comeu o verme.

REI – O que quer dizer com isso?

HAMLET – Nada. Só mostrar que um rei pode acabar passeando pelas tripas de um mendigo.

REI – Onde está Polônio?

HAMLET – No céu. Mande alguém lá ver. Se o mensageiro não conseguir encontrar lá, vá o senhor procurar no outro lugar. Mas se não conseguir mesmo encontrar, dentro de um mês, vão sentir o cheiro dele quando subirem a escada do saguão.

REI – *(para Rosencrantz)* Vá procurar lá.

HAMLET – Ele espera até você chegar.

Sai Rosencrantz.

REI – Hamlet, isso que você fez, para a sua própria segurança, que nos é muito cara, por isso lamentamos sua atitude, isso exige que vá embora daqui com a velocidade do fogo. Prepare-se então. O barco está pronto, o vento a favor, os acompanhantes prontos, tudo voltado para a Inglaterra.

HAMLET – Para a Inglaterra?

REI – É, Hamlet.

HAMLET – Bom.

REI – E é mesmo, se você pudesse saber nossas intenções.

HAMLET – Vejo um querubim que vê suas intenções. Mas vamos lá, para a Inglaterra! Adeus, minha querida mãe.

REI – Seu pai amoroso, Hamlet.

HAMLET – Minha mãe! Pai e mãe são marido e mulher. Marido e mulher são uma só carne, portanto, minha mãe. Vamos, para a Inglaterra!

Sai.

REI – Atrás dele. Insista para ele embarcar depressa. Não demore, quero que esteja longe daqui esta noite. Vá! Todo o necessário já foi providenciado e selado. Por favor, vá depressa.

Sai Guildenstern.

Ouçã, Inglaterra: se preza o meu amor, como aconselha o meu grande poder, pois a cicatriz ainda vermelha e viva da espada dinamarquesa e o seu livre temor nos devem homenagem, não veja com frieza a nossa ordem soberana que com os devidos documentos exige a morte imediata de Hamlet. Cumpra isso, Inglaterra, porque ele queima no meu sangue como uma doença que você tem de curar. Enquanto eu não souber que isso foi feito, não haverá alegria para mim.

Sai.

Cena 4

Perto de Elsinore.

Entra Fortinbras com seu exército.

FORTINBRAS – Vá, capitão, saúde por mim o rei dinamarquês. Diga que por sua licença, Fortinbras pede a permissão de atravessar seu reino, conforme o combinado. Você sabe onde é o ponto de encontro. Se sua Majestade quiser vir até nós, expressaremos pessoalmente nosso dever. Que ele saiba disso.

CAPITÃO – Assim será, senhor.

FORTINBRAS – Avancem devagar.

Saem todos, menos o capitão.

Entram Hamlet, Rosencrantz, Guildenstern e outros.

HAMLET – Capitão, de quem são essas forças?

CAPITÃO – São da Noruega, sim, senhor.

HAMLET – Para onde vão, capitão, por favor?

CAPITÃO – Contra alguma parte da Polônia.

HAMLET – Quem comanda?

CAPITÃO – O sobrinho do velho rei norueguês, Fortinbras.

HAMLET – Vão contra a Polônia inteira, capitão, ou para alguma fronteira?

CAPITÃO – Para falar a verdade, sem exagero, vamos conquistar um pedacinho de chão que não tem nenhum valor, a não ser por fama. Eu não arrendava aquilo nem por cinco ducados, cinco. E não rendia mais que isso nem para a Noruega, nem para a Polônia, se quisessem vender de uma vez.

HAMLET – Então os poloneses não vão nem armar defesa.

CAPITÃO – Vão, já tem guarnição lá.

HAMLET – Duas mil almas e vinte mil ducados não bastariam para resolver essa bobagem. Paz e riqueza demais corroem assim, por dentro, sem mostrar a causa da morte do homem. Humildemente agradeço, capitão.

CAPITÃO – Vá com Deus, senhor.

Sai.

ROSENCRANTZ – Podemos ir, meu príncipe?

HAMLET – Vão em frente. Eu já vou.

Saem todos menos Hamlet.

Tudo conspira contra mim, cobrando a minha lenta vingança! O que é um homem se só serve para passar o tempo dormindo e comendo? Um animal, mais nada. Sem dúvida aquele que nos fez com tanto entendimento, capazes de olhar o passado e o futuro, não nos deu essa capacidade e uma mente divina para embolorar sem uso. Não sei se é por bestial ignorância ou por escrúpulo covarde de pensar tudo nos mínimos detalhes, coisa que mostra uma parte de sabedoria e três de covardia, não sei porque ainda vivo dizendo “preciso fazer isto”, uma vez que tenho motivo, vontade, força e meios para agir. Exemplos grandes como a terra me animam. Olhe esse exército tão grande e poderoso, liderado por príncipe tão jovem e sensível, que inspirado por ambição divina ignora os riscos invisíveis, expondo o que é mortal e incerto a todo o poder do acaso, da morte e do perigo por um casco de ovo apenas. A verdadeira grandeza não é combater sem uma grande causa, mas encontrar motivo num nada quando a honra está em jogo. Como é que eu fico?, eu que tenho um pai assassinado, uma mãe desonrada, o estímulo da minha razão e do meu sangue, e deixo tudo dormir, quando devia sentir vergonha de ver vinte mil homens que só por fantasia e glória marcham para o túmulo como se fosse uma cama, por um pedaço de terra onde eles nem cabem todos porque não é tumba, nem território capaz de conter os mortos. Ah, de agora em diante, que sejam de sangue os meus pensamentos, ou não valerão nada!

Sai.

Cena 5

Elsinore. Uma sala do castelo.

Entram a rainha e Horácio.

RAINHA – Não vou falar com ela.

HORÁCIO – Ela insiste, está perturbada. Num estado que dá pena.

RAINHA – O que ela quer?

HORÁCIO – Fala muito do pai, diz que sabe que o mundo é traiçoeiro, e pensa, bate no peito, reage com violência a qualquer coisinha, fala coisas duvidosas, meio sem sentido. O que ela diz não é nada, mas o jeito como fala pode despertar alguma coisa em quem escuta, e, se a pessoa quiser, pode fazer as palavras dizerem o que já tem na cabeça. Ela pisca, balança a cabeça e faz gestos que podem levar alguém a pensar que existe alguma coisa, mesmo que incerta, mas muito infeliz.

RAINHA – Era bom alguém falar com ela. É capaz de despertar idéias perigosas em cabeças maliciosas. Mande ela entrar.

Sai Horácio.

Para minha alma doente, porque é doença o pecado, qualquer bobagem parece sinal de uma grande tragédia. A culpa é tão feia e tão desconfiada que sozinha se derrama de medo de ser derramada.

Entra Ofélia, perturbada, seguida de Horácio.

OFÉLIA – Onde está a bela majestade da Dinamarca?

RAINHA – O que foi, Ofélia?

OFÉLIA – (*canta*)

Como saber se é você
o meu amor verdadeiro?
Pela sandália e cajado,
pela concha de romeiro.

RAINHA – Ah, menina, o que quer dizer essa música?

OFÉLIA – Quer saber? Não, escute só.

(*canta*) Ele está morto, senhora,
está morto, foi-se embora,
Sobre a cabeça um gramado,
pés na pedra sepultados.

RAINHA – Sei, mas Ofélia...

OFÉLIA – Por favor, escute.

(*canta*) Sudário branco como a neve da montanha...

Entra o rei.

RAINHA – Ai, olhe só, meu marido!

OFÉLIA – (*canta*) ... de doces flores todo coberto inteiro,
mas na tumba não o banha
pranto de amor verdadeiro.

REI – Como vai, linda menina?

OFÉLIA – Bem, Deus lhe pague! Dizem que a coruja era a filha do padeiro. Nós sabemos o que somos, mas não o que podemos ser. Deus proteja a sua mesa!

REI – Pensando no pai.

OFÉLIA – Por favor, não vamos falar disso. Mas quando perguntarem, responda assim:

(*canta*) Amanhã, dia de São Valentim,
eu chego na sua janela,
logo de manhã cedinho,
sua namorada donzela.
Ele levanta e se veste,
me abre a porta do quarto,
sou donzela quando entro,
mas não sou mais quando parto.

REI – Linda Ofélia!

OFÉLIA – É mesmo! Sem brincadeira, vamos para o fim!

(*canta*)

Por Cristo, pela Santa Caridade,
Que vergonha! Que safado!
Homem faz sempre o que quer,
Deus do céu, ele é o culpado.

Diz ela: “Você disse que casaria
antes de me derrubar.”

E ele:

“E casava, pelo sol que me alumia,

se você não viesse à minha cama.”

REI – Quanto tempo faz que está assim?

OFÉLIA – Vai dar tudo certo, espero. Precisa ter paciência. Só não consigo não chorar quando penso que deitaram o corpo dele no chão frio. Meu irmão vai saber, e eu agradeço o seu bom conselho. Que venha a minha carruagem! Boa noite, minhas senhoras. Boa noite, caras senhoras. Boa noite, boa noite.

Sai.

REI – Vá atrás dela. Vigie muito bem, por favor.

Sai Horácio.

Oh, esse é o veneno da dor profunda que brota da morte do pai dela. Oh, Gertrudes, Gertrudes, quando as tristezas vêm, nunca vêm sozinhas, mas em batalhões! Primeiro, o pai dela morto. Depois, seu filho vai embora, ele, o violento autor de seu próprio afastamento. O povo, confuso, ignorante e maldoso nas idéias, murmura sobre a morte de Polônio e foi precipitação nossa fazer o enterro dele em segredo. Pobre Ofélia, dividida entre si mesma e a própria razão. E sem razão somos só figuras, ou meros animais. Por último, mais importante que isso tudo, o irmão dela voltou em segredo da França, alimenta as próprias dúvidas, vive enevoado, e não falta quem lhe buzine no ouvido histórias venenosas sobre a morte do pai. E é evidente que, mesmo sem provas, não vão deixar de acusar nossa pessoa de ouvido em ouvido. Ah, minha querida Gertrudes, isso é como uma arma que usa muitos tiros, desnecessários, para uma única morte minha.

Ruído fora.

RAINHA – Nossa! Que barulho é esse?

REI – Onde estão meus suíços? Que guardem a porta.

Entra um mensageiro.

O que foi?

MENSAGEIRO – Proteja-se, majestade. O mar quando transborda não engole as praias tão depressa como o jovem Laerte que, chefiando um bando de rebeldes, está dominando seus oficiais. O povo aclama. E como se o mundo tivesse acabado de começar, esquecendo a história e a tradição que dão sentido e força para toda palavra, o povo grita: “Já escolhemos! Laerte é o rei!” Gorros, mãos e línguas aplaudem até o céu: “Laerte é o rei! Laerte rei!”

Ruído dentro.

RAINHA – Como gritam forte na pista falsa! Ah, é o contrário, cães dinamarqueses!

REI – As portas cederam.

Entra Laerte, com outros.

LAERTE – Onde está o rei? Vocês, fiquem aí fora.

TODOS – Não, vamos entrar!

LAERTE – Deixem comigo, estou pedindo.

TODOS – Entre! Entre!

LAERTE – Obrigado. Vigiem a porta.

Saem os seguidores.

Ah, maldito rei, me devolva meu pai!

RAINHA – Calma, Laerte querido.

LAERTE – A gota de sangue que ficar calma em mim grita que sou bastardo, chama meu pai de corno e grava a palavra puta na testa pura de minha mãe.

REI – Por que essa revolta tão imensa, Laerte? Deixe ele passar, Gertrudes. Não tema pela nossa pessoa. É tal a divindade que cerca um rei que a traição só consegue entrever o que pretende, não consegue agir. Diga, Laerte, por que está assim tomado. Deixe, Gertrudes. Fale, homem.

LAERTE – Onde está meu pai?

REI – Morto.

RAINHA – Mas não por ele!

REI – Deixe que pergunte tudo o que quiser.

LAERTE – Como ele morreu? Ninguém me engana. Para o inferno a fidelidade! Ao diabo mais negro, o meu juramento! A consciência e a graça ao abismo mais profundo! Eu desafio a condenação! Cheguei a tal ponto que não me importam mais nem este mundo nem o outro, aconteça o que acontecer. Só que vou vingar meu pai até o fim.

REI – Quem pode impedir?

LAERTE – Minha vontade, não a do mundo inteiro! Eu usarei tão bem os meios que tenho, que mesmo poucos vão durar muito.

REI – Meu caro Laerte, quer saber a verdade sobre a morte de seu pai e por isso escreve em sua vingança que joga tudo contra amigo e inimigo, vencedor e perdedor?

LAERTE – Só contra os inimigos dele.

REI – Sabe quem são então?

LAERTE – Para os bons amigos, eu abro assim os meus braços e como o pelicano que sacrifica a própria vida, alimento todos com meu próprio sangue.

REI – Agora está falando como um filho e um cavalheiro de verdade. Minha inocência da morte de seu pai e a minha tristeza por ela haverão de penetrar seu entendimento como o dia penetra por seus olhos.

Um ruído fora.

VOZES – (*fora*) Deixe ela entrar.

LAERTE – O que foi? Que barulho é esse?

Entra Ofélia.

Oh, sol, seque o meu cérebro! Lágrimas sete vezes mais salgadas queimem o sentido e a faculdade deste olhar! Por Deus, essa loucura há de ser paga por peso até a balança dar a volta. Oh, rosa de maio! Donzela querida, boa irmã, doce Ofélia! Oh, Deus! Como é possível o juízo de uma jovem ser tão mortal quanto a vida de um velho? A natureza é refinada no amor, e

quando é refinada coloca algum precioso exemplo de si mesma na coisa que ama.

OFÉLIA – (*canta*) Com o rosto descoberto
foi deitado no caixão
Hã nã nãã, nãã, hã nãã
muitas lágrimas choveram
sobre seu túmulo então.
Adeus, meu pombinho!

LAERTE – Se estivesse em seu juízo perfeito e me convencesse a me vingar, não me comoveria tanto.

OFÉLIA – Você tem de cantar “Gira, gira” e você responde “gira assim”. Ah, como combina com a fiandeira! Foi o mordomo fingido que roubou a filha do patrão.

LAERTE - Esse nada fala mais que tudo.

OFÉLIA – Alecrim, bom para lembrar. Por favor, amor se lembre. E amor-perfeito, para pensar.

LAERTE – Uma lição de loucura! Pensar e lembrar juntos.

OFÉLIA – Tem erva-doce para você, e botão-de-ouro. E arruda para você, um pouco para mim. Isto aqui a gente chama de erva-da-graça-do-domingo. Ah, você tem de usar sua arruda de um jeito diferente! Uma margarida aqui. Queria te dar umas violetas, mas murcharam todas quando meu pai morreu. Dizem que ele teve um bom fim. (*canta*)
A minha alegria é o meu pássaro cantor.

LAERTE – Pensamentos, aflição, paixão, o próprio inferno ela tranforma em graça e beleza.

OFÉLIA – (*canta*) E ele não volta mais?
Ele não volta mais?
Não, não, ele está morto agora
E em sua tumba mora.
Nunca mais voltará.
Na barba, da neve a brancura
A cabeça toda alvura.
Ele partiu, partiu,
Nosso pranto se esvaiu.

Deus tenha sua alma pura!

E todas as almas cristãs, eu peço a Deus. Deus abençoe a todos.

Sai.

LAERTE – Está vendo isto, oh, Deus?

REI – Laerte, permita que eu participe de sua dor, não me negue esse direito. Vá agora, escolha os seus amigos mais sábios. Eles hão de ouvir e julgar entre você e eu. Se de alguma forma, direta ou indireta, nos considerarem culpado, entregaremos nosso reino, nossa coroa e tudo o que chamamos nosso para a sua satisfação. Se não for assim, procure ser paciente conosco e juntos trabalharemos para dar à sua alma tudo o que lhe é devido.

LAERTE – Seja. O jeito como ele morreu, o funeral secreto, sem troféu, sem espada, nem brasão sobre os ossos, sem os nobres ritos, nem cerimônia formal, gritam a Deus exigindo que eu tome satisfações.

REI – Assim será. Sobre a ofensa, onde estiver, o machado cairá. Venha comigo.

Saem.

Cena 6

Elsinore. Outra sala no castelo.

Entra Horácio com um criado.

HORÁCIO – Quem é que quer falar comigo?

CRIADO – Marinheiros, sim, senhor. Diz que tem umas cartas para o senhor.

HORÁCIO – Mande entrar.

Sai o criado.

Não sei quem mais no mundo pode me escrever, senão o príncipe Hamlet.

Entram os marinheiros.

MARINHEIRO – Deus abençoe, meu senhor.

HORÁCIO – A você também.

MARINHEIRO – Abençoa, sim, se for vontade dele. Tem uma carta aqui para o senhor.

Mandada pelo embaixador que estava indo para a Inglaterra, se o seu nome é Horácio, como me disseram que é.

HORÁCIO – *(lê a carta)* Horácio, quando acabar de ler esta carta, faça estes homens chegarem até o rei. Estão levando cartas para ele. Em nosso segundo dia no mar, um navio pirata armado para guerra nos perseguiu. Como nosso barco era lento de vela, lutamos com redobrado empenho e no corpo a corpo abordei o navio pirata. Na mesma hora os barcos se afastaram, e só eu fiquei prisioneiro deles. Trataram-me como se fossem ladrões bondosos, mas sabiam o que estavam fazendo. E tenho de retribuir a bondade deles. Faça chegar ao rei as cartas que mandei e venha me encontrar mais depressa do que fugiria da morte. As palavras que vou dizer no seu ouvido vão deixá-lo mudo, e mesmo assim são leves demais para o alcance deste assunto. Esses bons sujeitos saberão trazer você até onde estou. Rosencrantz e Guildenstern continuam seguindo para a Inglaterra. Tenho muito a contar sobre eles. Adeus, sempre seu, Hamlet.”
Vamos, eu encaminho essas suas cartas e vocês me levam o mais depressa possível até a pessoa que mandou isto.

Saem.

Cena 7

Elsinore. Outra sala no castelo.

Entram o rei e Laerte.

REI – Sua consciência agora deve selar o meu perdão, e você deve me guardar no peito como amigo, agora que ouviu com ouvido atento que aquele que matou seu nobre pai queria era a minha vida.

LAERTE – Assim parece. Mas me diga porque o senhor não agiu contra esses atos tão criminosos, tão capitais, como exigia a sua segurança, a sua sabedoria, tudo.

REI – Ah, por duas razões especiais, que podem, para você, parecer muito fracas, mas que para mim são fortes. A rainha, mãe dele, vive pelos olhos dele. E quanto a mim, sorte ou tormento meu, não sei qual, ela vive em tal conjunção com minha vida e minha alma que, como uma estrela, só em sua órbita eu me movo. O outro motivo que impede que eu preste contas ao povo é o grande amor que o povo tem por ele, mergulhando em afeto todas as suas faltas, como a fonte que transforma a madeira em pedra, convertendo suas culpas em graças, de forma que as minhas flechas, leves demais para vento tão forte, teriam voltado para mim mesmo e não para o seu alvo.

LAERTE – E assim perdi meu nobre pai, e ao desespero foi levada a minha irmã, cujo valor, se é possível elogiar o que passou, pairava acima de todo o nosso tempo com a sua perfeição. Mas a vingança virá.

REI – Não perca o sono por isso. Não pense que somos feitos de matéria tão mole e tão passiva que permitimos que o perigo nos puxe as barbas, achando que é brincadeira. Você logo vai saber mais. Eu amava seu pai como a mim mesmo e isso, espero, você pode imaginar...

Entra um mensageiro com cartas.

O que foi? Qual é o problema?

MENSAGEIRO – Cartas, majestade, de Hamlet. Esta para o senhor, esta para a rainha.

REI – De Hamlet? Quem trouxe?

MENSAGEIRO – Marinheiros, majestade, pelo que disseram. Eu não vi. Foi Cláudio que me deu e ele recebeu da mão de quem trouxe.

REI – Laerte, você tem de ouvir. Pode ir.

Sai o mensageiro.

(*lê*) Alto e poderoso, saiba que fui deixado nu em seu reino. Amanhã pedirei permissão de colocar-me sob o seu régio olhar, quando então, implorando antes seu perdão, revelarei as condições de meu súbito e estranho regresso. Hamlet.” O que significa isto? Será que voltaram todos? Ou isso tudo é uma invenção?

LAERTE – Reconhece a letra?

REI – É de Hamlet. “Nu.” E num pós escrito diz “sozinho”. O que me aconselha?

LAERTE – Estou perdido, majestade. Mas deixe que venha! Me aquece o coração dolorido eu estar vivo para poder dizer na cara dele “Você fez isto”.

REI – Se for assim, Laerte. E como pode ser assim? Ou diferente? Vai aceitar a minha orientação?

LAERTE – Vou, majestade, desde que não me oriente para as pazes.

REI – Para a sua paz. Se ele voltou agora, encerrando a viagem, e não quiser mais viajar, vai ser levado a uma situação que venho amadurecendo, da qual não vai ter como escapar. E da sua morte nem um sopro de culpa se ouvirá, até sua mãe de nada vai suspeitar, achando que foi acidente.

LAERTE - Majestade, estarei às suas ordens. E gostaria, se permitir, de ser o instrumento disso.

REI - Perfeito. Falou-se muito de você, e isso na frente de Hamlet, por causa de uma qualidade em que você se destaca. A soma de seus talentos não provocavam nele tanta inveja quanto essa que, a meu ver, não é a mais importante.

LAERTE – Que qualidade é essa, majestade?

REI – Uma fita no gorro da juventude, mas necessária, porque a juventude precisa das roupas leves e descuidadas, que usa do mesmo jeito que a velhice precisa usar preto e agasalhos para proteger a saúde e a gravidade. Faz uns dois meses, estive aqui um cavaleiro da Normandia. Conforme eu mesmo vi quando lutei contra eles, os franceses são bons cavaleiros. Mas esse era um bruxo. Colava na sela de tal forma e levava o cavalo com tanta habilidade que parecia incorporado ao animal, da mesma natureza que ele. Me deixou tão admirado que não consegui imaginar passos e evoluções que se comparem com os dele.

LAERTE – Normando, era?

REI – Normando.

LAERTE – Lamord, aposto.

REI – Esse mesmo.

LAERTE – Conheço muito bem. É a jóia da sua terra.

REI – Ele elogiou você. Disse que é um mestre na arte e na prática da esgrima, principalmente com o florete. Que seria um espetáculo ver alguém que

chegasse à sua altura. Ele jurou que os esgrimistas de sua terra não tinham agilidade, nem guarda, nem olho para enfrentar você. Laerte, essas palavras a tal ponto envenenaram Hamlet de inveja, que tudo o que ele mais desejava era que você voltasse logo para lutar com ele. Ora, diante disso...

LAERTE – O que, majestade?

REI – Laerte, seu pai era importante para você? Ou você é como uma pintura da tristeza, um rosto sem coração?

LAERTE – Por que me pergunta isso?

REI – Não que eu pense que você não amava seu pai, mas sei que o amor se faz com o tempo e pelo que vejo, diante de muitas provas, o tempo é que controla a centelha e o fogo do amor. Dentro de sua chama há um pavio ou atizador que acaba por apagar. Nada continua sempre igual, nem a bondade, porque quando a bondade é exagerada, morre por seu próprio excesso. E o que se quer fazer deve ser feito quando se quer. Por que esse “querer” muda, e sofre desânimos e atrasos por causa de línguas, de mãos, de acidentes. E esse “dever” é como um suspiro supérfluo que machuca ao aliviar. Mas vamos ao cerne da questão! Hamlet voltou. O que você faria para mostrar-se filho de seu pai, em ato mais do que em palavras?

LAERTE – Corto o pescoço dele dentro da igreja!

REI – Nenhum lugar deve sacralizar o assassinato. A vingança não tem limites. Mas, caro Laerte, faça o seguinte: fique fechado no seu quarto. Hamlet, recém-chegado, ficará sabendo que você voltou. Arranjamos quem elogie a sua excelência e faça brilhar em dobro a fama que o francês lhe deu. Colocamos vocês dois frente a frente e apostamos em ambos. Ele, descuidado, generoso, e alheio a toda intriga, não vai examinar as armas, de forma que fica fácil, talvez com um pequeno truque, você escolher uma espada sem proteção e, num passe de habilidade, cobrar dele a morte de seu pai.

LAERTE – É o que farei! E para isso vou batizar a minha espada. Comprei de um boticário um unguento tão mortal, que basta molhar nele uma lâmina e onde ela tirar sangue, por mais raro que seja o cataplasma, preparado com todas as ervas que contêm as virtudes da noite, não conseguem salvar da

morte, mesmo que com um arranhão apenas. Vou molhar nesse veneno a minha ponta para que mesmo só um leve toque seja a morte.

REI – Vamos pensar um pouco mais sobre isso, pesar bem o momento e as condições que melhor nos convêm. Porque se não der certo e perceberem o nosso plano, é melhor nem tentar. Portanto, esse nosso projeto tem de ter um suporte, um plano reserva, que possa funcionar se esse falhar. Calma! Vamos ver. Faremos uma aposta solene na sua habilidade... Isso! Quando no meio da ação vocês estiverem com calor e com sede... O seu ataque tem de ser mais violento para chegar a isso... E ele pedir alguma coisa para beber, terei pronto um cálice que vou preparar para a ocasião. Bastará um gole, se ele por acaso escapar de sua lâmina envenada, e conseguimos o que queremos. Mas, quieto, que barulho é esse?

Entra a rainha.

O que foi, minha rainha querida?

RAINHA – Uma desgraça sempre vem logo depois da outra, tão depressa se sucedem. Sua irmã morreu afogada, Laerte.

LAERTE – Afogada? Oh, onde?

RAINHA – Naquele salgueiro que se debruça sobre o regato, refletindo as folhas cinzentas no espelho da corrente. Para lá foi ela, com incríveis guirlandas de ranúnculos, urtigas, margaridas e aquelas flores vermelhas compridas que os pastores chamam por um nome grosseiro, mas que nossas donzelas castas dizem dedo-de-defunto. Ela subiu nos ramos pendentes para pendurar suas coroas de flores, mas um galho invejoso estalou e ela caiu dentro da água chorosa com esses troféus floridos. Sua roupa se encheu de ar e, como uma sereia, ela flutuou por um momento, cantando pedaços de velhas canções, como se não percebesse o próprio perigo, ou como uma criatura que nasceu naquele elemento e que faz parte dele. Mas, não demorou muito, a roupa começou a pesar com a água absorvida, e puxou a infeliz da sua cantiga flutuante para o lodo da morte.

LAERTE – Ai, afogada então?

RAINHA – Afogada, afogada.

LAERTE – Você já tem água demais, pobre Ofélia, não precisa das minhas lágrimas. Mas é assim que somos, a natureza impõe o seu costume, diga a vergonha o que quiser. Quando estas acabarem, não haverá mais nada de mulher em mim. Adeus, meu senhor. Tenho em mim um discurso de fogo que quer queimar, mas que esta emoção apaga.

Sai.

REI – Vamos atrás dele, Gertrudes. O quanto tive de fazer para acalmar sua fúria! Agora temo que comece de novo. Vamos atrás dele.

Saem.

ATO 5

Cena 1

Elsinore. Um cemitério.

Entram dois coveiros com pás e picaretas.

COVEIRO – E ela vai ter enterro cristão quando foi ela mesma que procurou querendo a própria salvação?

COVEIRO 2 – Estou dizendo que vai. Então, trate de cavar direito. O juiz ficou com pena e deu ordem pra enterrar cristão.

COVEIRO – Como é que pode? Só se ela afogou por legítima defesa.

COVEIRO 2 – É, parece que foi.

COVEIRO – Deve de ter sido defesa própria, só pode ser. Aí que está o caso: se eu afogo por querer, eu que tomei atitude. E atitude tem três passos: pensar, falar e fazer. Conclusão: ela afogou querendo.

COVEIRO 2 – Claro, mas escute aqui, seu doutor coveiro!

COVEIRO – Dá licença. Aqui, a água. Bom. Aqui, o homem. Bom. Se o homem vai para esta água e afoga, queira ou não queira, ele foi, veja bem. Agora, se a água vem em cima dele e afoga ele, ele não se afogou a si mesmo. Conclusão: quem não é culpado da própria morte não encurta a própria vida.

COVEIRO 2 – Mas a lei é assim?

COVEIRO – É, arre, assim: lei do juiz de direito.

COVEIRO 2 – Quer saber de uma coisa? Se não fosse da nobreza, era enterrada sem enterro cristão.

COVEIRO – É isso aí que você falou! E o que dá mais pena é que os graúdos neste mundo tem mais direito de se afogar ou de se enforcar do que a gente pobre cristão. Vamos lá, pá! Não tem nobre mais antigo que jardineiro, camponês e coveiro. Esses que continuam a profissão de Adão.

COVEIRO 2 – Ele era nobre?

COVEIRO – Foi o primeiro a usar uma arma.

COVEIRO 2 – Que nada! Ele não tinha arma nenhuma.

COVEIRO – O que? Você é herege agora? Não entende a Escritura? Diz lá na Escritura que Adão cavava a terra. Como é que ele podia cavar se não tivesse uma arma desta? Vou te fazer uma outra pergunta. Se não responder direito, vai ter de ir confessar...

COVEIRO 2 – Mande!

COVEIRO – Quem é que contrói mais forte que o pedreiro, que o engenheiro, que o carpinteiro?

COVEIRO 2 – O fazedor de forca, porque o que ele constrói serve pra mais de mil inquilinos.

COVEIRO – Você até que é bem esperto, juro mesmo. A forca é boa. Boa como? Boa para quem faz o mal. Agora, você fez mal de dizer que a forca é mais forte que a igreja. Conclusão: a forca seria boa pra você. De novo, vai!

COVEIRO 2 – Quem constrói mais forte o pedreiro, o engenheiro ou o carpinteiro?

COVEIRO – É, responda, e tire o arreio.

COVEIRO 2 – Ah, eu sei!

COVEIRO – Fale.

COVEIRO 2 – Nossa, não sei.

Entram Hamlet e Horário ao longe.

COVEIRO – Pode parar de castigar sua cabeça por causa disso, porque não é apanhando que o teu burro molenga vai andar mais depressa. E se fizerem de novo essa pergunta pra você, responda assim: “o coveiro”. A casa que

ele faz dura a eternidade inteira. Vá até o João e me traga uma caneca de cerveja.

Sai o Coveiro 2.

Coveiro cava e canta.

Eu quando moço era do amor, do amor,
achava que o amor era uma gostosura.
Pra passar, ah-ha, o tempo, oh-ho, na maior ventura,
Ah, não podia haver, eh-he, nada de melhor.

HAMLET – Esse sujeito não tem nenhuma consciência do trabalho que faz, cantando assim enquanto abre um túmulo?

HORÁCIO – O costume deu a ele essa tranquilidade.

HAMLET – É isso mesmo. A mão que trabalha pouco tem o tato mais delicado.

COVEIRO – (*canta*)

A idade chega, disfarçada,
nas suas garras me prendeu
pra terra me devolveu
como se eu não fosse mais nada.

Desenterra um crânio.

HAMLET – Essa caveira teve língua um dia, e cantava. Como esse malandro joga assim no chão como se fosse a queixada de Caim, que cometeu o primeiro assassinato! Pode ter sido a cabeça de um político, que esse burro agora joga fora, um daqueles capazes de enganar até Deus, não pode ser?

HORÁCIO – Pode, meu príncipe.

HAMLET – Ou de um cortesão, que haveria de dizer: “Bom dia, caro senhor! Como vai, meu príncipe?” Podia ser Lorde Fulano de Tal, que elogiava o cavalo do Lorde Fulano de Tal, porque queria ficar com ele. Não pode?

HORÁCIO – É, meu príncipe.

HAMLET – É isso mesmo! E agora pertence a Lady Verme, sem queixo, apanhando na cabeça com a pá do coveiro. Uma bela revolução, se a gente conseguisse

entender. Será que a educação desses ossos custou tão pouco que eles só servem para se jogar malha agora? Os meus doem só de pensar.

COVEIRO – (*Canta*)

A picareta e uma pá, uma pá.
Mortalha do falecido,
Ah, cova de barro tem de cavar
pro morto ser bem servido.

Desenterra outro crânio.

HAMLET – Outro. Pode ser o crânio de um advogado, não pode? Onde foram parar os seus inquéritos, seus processos, seus casos, seus cargos, seus truques? Por que deixa esse miserável grosseiro lhe bater na cabeça com essa pá suja, em vez de ameaçar com um processo de lesões corporais? Hum! Esse sujeito pode ter sido no seu tempo um grande comprador de terras, cheio de regulamentos, escrituras, multas, fianças, retomadas de posse. Será que isto aqui é a multa das multas, a retomada das retomadas, ficar com a bela cabeça assim cheia de poeira apenas? Será que esta fiança afiança para ele alguma das terras que comprou, da largura e do comprimento do papel de uma escritura? Os meros pergaminhos das suas propriedades mal cabem dentro desta caixa, e o herdeiro dele não tem mais que isso, tem?

HORÁCIO – Nem um fio de cabelo a mais, meu príncipe.

HAMLET – Pergaminho não é feito de pele de carneiro?

HORÁCIO – É, sim. E de pele de bezerro também.

HAMLET – Carneiro e bezerro é quem procura segurança nisso. Vou falar com esse sujeito. Você aí, de quem é esse túmulo?

COVEIRO – Meu, sim, senhor.

(*canta*) Ah, cova de barro tem de cavar
pro morto ser bem servido.

HAMLET – Acho que deve ser seu mesmo, mentindo aí dentro.

COVEIRO – O senhor desmente fora, então seu é que não é. Eu, por mim, não vou deitar nele, não, mas é meu, sim, senhor.

HAMLET – Mentira sua, só porque está aí dentro, dizer que é seu. Isso é para morto, não para vivo. Você mente.

COVEIRO – É que eu sou vivo, por isso rebata de mim pro senhor.

HAMLET – Quem é o homem que vai ser enterrado aí?

COVEIRO – Homem nenhum, não, senhor.

HAMLET – Mulher então?

COVEIRO – Tampouco.

HAMLET – Quem vai ser enterrado aí?

COVEIRO – Alguém que era mulher, sim, senhor. Mas que, Deus tenha sua alma, já está morta.

HAMLET – Responde bem esse malandro. É melhor falar claro com ele, senão enrola a gente. Nossa, Horácio, nestes três anos, venho notando que o nosso tempo ficou de um jeito que o pé do camponês encosta no calcanhar do cortesão a ponto de lhe passar frieira. Quanto tempo faz que você é coveiro?

COVEIRO – De todos os dias do ano, vim dar nisto aqui no dia que o nosso finado rei Hamlet derrotou Fortinbras.

HAMLET – Quanto tempo faz isso?

COVEIRO – Não sabe dizer, não? Qualquer bobo sabe disso. Foi no dia que nasceu o pequeno Hamlet... aquele que ficou louco e que mandaram pra Inglaterra.

HAMLET – É? Por que foi mandado para a Inglaterra?

COVEIRO – Ué, porque ficou louco. Vai sarar da cabeça lá. Ou, se não, lá isso não tem importância, não.

HAMLET – Por que?

COVEIRO – Lá ninguém vai notar. Todo mundo é louco que nem ele.

HAMLET – Como é que ele ficou louco?

COVEIRO – Foi esquisito, dizem.

HAMLET – Esquisito como?

COVEIRO – Ah, parece que perdeu o juízo.

HAMLET – Perdeu o juízo?

COVEIRO – É, aqui mesmo na Dinamarca. Eu sou coveiro aqui desde menino a homem feito, faz trinta anos.

HAMLET – Quanto tempo leva um homem na terra para apodrecer?

COVEIRO – Bom, se não estiver já podre antes de morrer, como tem muito cadáver hoje em dia que nem espera enterramento, acho que leva aí uns oito, nove anos. Um curtidor de couro leva nove anos.

HAMLET – Por que mais do que os outros?

COVEIRO – Ora, porque ele vem com o couro já tão curtido com o serviço dele que a água demora mais pra entrar. E a água é a maior apodrecedora do filho da puta do corpo do morto. Olhe esta caveira aqui. Essa caveira estava enterrada na terra vinte e três anos.

HAMLET – De quem era?

COVEIRO – Um filho da puta de um maluco era esse aí. De quem o senhor acha que era?

HAMLET – Não sei, não.

COVEIRO – Peste de maluco desgraçado! Um vez derramou um garrafão de vinho na minha cabeça. Essa caveira aqui, era de Yorick, sim, senhor, o bobo da corte.

HAMLET – Esta?

COVEIRO – Essa mesmo.

HAMLET – Deixe ver. (*Pega a caveira*) Ai, pobre Yorick! Eu conheci este homem, Horácio. Dono de uma graça infinita, fantástica imaginação. Ele me levou nas costas milhares de vezes. E agora, como é horrível imaginar isso! Me dá náusea. Aqui ficavam os lábios que eu beijei não sei quantas vezes. Onde estão agora os seus sarcasmos? As cambalhotas? As canções? Suas tiradas de humor que faziam a mesa morrer de rir? Não sobrou nada para rir do seu riso? Desanimou? Vá agora ao quarto da minha querida e diga que mesmo com mais dois dedos de maquiagem é nisto que ela vai chegar. Faça ela rir disso. Horácio, me diga uma coisa.

HORÁCIO – O que?

HAMLET – Acha que Alexandre também ficou assim debaixo da terra?

HORÁCIO – Acho.

HAMLET – E cheirava assim também? Pah!

Joga o crânio.

HORÁCIO – Cheirava, sim, senhor.

HAMLET – Podemos voltar servindo para coisas tão miúdas, Horácio! Dá para imaginar o pó de Alexandre selando um buraco de um barril.

HORÁCIO – Pensar assim, é pensar demais.

HAMLET – Não, nem um pouco. É só seguir humildemente o pensamento e a gente chega lá. Assim: Alexandre morreu, Alexandre foi enterrado, Alexandre retorna em forma de poeira, poeira é terra, com terra se faz barro. Por que esse barro, em que ele se transformou, não pode estar servindo para selar um barril de cerveja?

César morreu, é barro agora,
e tapa o vento que sopra lá fora,
Oh, essa terra que o mundo deslumbrava
remenda uma parede que o inverno gelava.
Mas quieto! quieto! Olhe o rei...

Hamlet e Horácio se afastam.

Entra um cortejo fúnebre, sacerdotes, um caixão, o rei, a rainha, Laerte e cortesãos.

...a rainha, a corte. Quem é que estão acompanhando? Por que esses ritos pela metade? Isso quer dizer que o corpo que estão acompanhando tirou a própria vida com a mão do desespero. Era nobre. Vou me esconder, e olhar.

Hamlet se esconde com Horácio.

LAERTE – Mais alguma cerimônia?

HAMLET – É Laerte, um jovem muito nobre. Olhe.

LAERTE – Mais alguma cerimônia?

SACERDOTE – As exéquias já foram ampliadas até onde possível. Ela morreu de jeito duvidoso e se não fosse pela ordem superior que alterou a regra, devia ficar em solo não santificado até o juízo final. Em vez de preces caridosas, lascas, pedras e cascalho jogados sobre ela. Mas deixaram, e aí está de grinalda de virgem, flores de donzela, com toque de sino e funeral.

LAERTE – Não pode fazer mais nada?

SACERDOTE – Mais nada. Seria profanar o ofício de mortos cantar para ela o mesmo réquiem que se canta para as almas que vão em paz.

LAERTE – Que seja colocada na terra e da sua carne bela e imaculada possam brotar violetas! Ouça o que eu digo, padre imbecil, minha irmã será um anjo de Deus quando você estiver uivando no abismo.

HAMLET – O que? A linda Ofélia?

RAINHA – Flores para uma flor! Adeus. (*espalha flores*) Queria que fosse esposa do meu Hamlet. Queria espalhar flores em seu leito nupcial, linda donzela, não no seu túmulo.

LAERTE – Oh, tripla desgraça caia dez vezes triplicada sobre a cabeça maldita que teve a perversidade de te privar do seu juízo tão claro! Não joguem terra ainda. Quero abraçar minha irmã mais uma vez. (*salta no túmulo*) Agora, cubram de pó o vivo e a morta até este chão virar uma montanha mais alta que Pélion, que a cabeça celestial do Olimpo azul.

HAMLET – (*avança*) Quem é esse que põe tamanha ênfase em sofrer? Que fala de sua dor tão alto que detém o curso das estrelas no céu como ouvintes perplexos? Este sou eu, Hamlet da Dinamarca. (*salta no túmulo ao lado de Laerte*)

LAERTE – Que o diabo leve a sua alma!

(*Os dois lutam.*)

HAMLET – Isso não é jeito de rezar. Tire a mão da minha garganta. Não sou raivoso, nem violento, mas tenho em mim uma coisa perigosa que era melhor você respeitar. Tire a mão!

REI – Separem os dois.

RAINHA – Hamlet, Hamlet!

HORÁCIO – Meu príncipe, calma.

Os criados afastam os dois e eles saem do túmulo.

HAMLET – Ah, com ele eu luto até meus olhos não fecharem mais.

RAINHA - Oh, meu filho, por que?

HAMLET – Eu amava Ofélia. Nem quarenta mil irmãos com todo o seu amor amavam como eu. O que você vai fazer por ela?

REI – Ah, ele está louco, Laerte.

RAINHA – Pelo amor de Deus, não toque nele!

HAMLET – Pelas chagas de Cristo, vai fazer o que? Chorar? Brigar? Jejuar? Vai se rasgar? Beber vinagre? Comer um crocodilo? Eu faço isso. Veio choramingar? Me desafiar pulando dentro do túmulo dela? Se enterre vivo com ela que eu faço a mesma coisa. Você fica falando de montanhas, que joguem milhões de acres em cima de nós, até o nosso chão ficar chamuscado entre os trópicos, e o monte Ossa virar uma verruga! Se o que você quer é falar, eu falo melhor.

RAINHA - É só loucura. É assim que ele fica até passar o acesso. Logo, paciente como uma pomba que espera os filhotes dourados saírem do ovo, vai se encolher no seu silêncio.

HAMLET – Escute aqui! Por que está me tratando assim? Sempre gostei de você. Mas isso não importa. Mesmo que Hércules se ponha em ação, o gato mia, e chega o dia do cão.

Hamlet sai.

REI – Por favor, Horácio, cuide dele.

Sai Horácio.

(para Laerte) Fortaleça a sua paciência com a nossa conversa de ontem à noite. Vamos cuidar desse assunto imediatamente. Boa Gertrudes, mande vigiar seu filho. Este túmulo terá um monumento vivo. Logo teremos um momento de quietude, até lá, a paciência será nossa virtude.

Saem.

Cena 2

Elsinore. Uma sala do castelo.

Entram Hamlet e Horácio.

HAMLET – Agora basta disso e vamos ver o resto. Você lembra como foi?

HORÁCIO – Se me lembro, meu príncipe!

HAMLET – Meu coração estava numa luta que não me deixava dormir. Na cama eu me sentia pior do que um amotinado nas correntes. Num impulso... Bendita impulsividade. Às vezes, nossa indiscrição nos ajuda bem quando os projetos sérios falham. E isso devia nos ensinar que existe uma divindade que modela os nossos fins, por mais grosseiros que sejam...

HORÁCIO – É bem verdade.

HAMLET – Subi da minha cabine, a capa de viagem enrolada no corpo, fui tateando no escuro até encontrar os dois, achei o que eu queria, agarrei o pacote e voltei bem quieto para a cama. Tive a coragem, esquecendo, por medo, os bons costumes, de quebrar o selo do grande despacho. E descobri, Horácio, ah, que canalhice real!, uma ordem expressa, cheia de todo tipo de motivos, falando da segurança do rei da Dinamarca e da Inglaterra também, pintando com monstros e fantasmas a minha vida, dizendo que, assim que terminassem de ler, sem perda de tempo, não, nem o tempo de afiar o machado, que me cortassem a cabeça.

HORÁCIO – É mesmo?

HAMLET – A ordem está aqui, leia com mais calma. Mas quer saber o que eu fiz?

HORÁCIO – Por favor.

HAMLET – Cercado assim de maldade, antes que eu pudesse imaginar uma abertura, eles já começavam a peça. Sentei, inventei um novo despacho, e escrevi com letra caprichada. Antes, eu achava, igual os nossos estadistas, que era vulgar ter boa caligrafia e muito fiz para perder essa capacidade. Mas como isso foi útil agora. Quer saber o que escrevi?

HORÁCIO – Quero, meu príncipe.

HAMLET – Um urgente pedido do nosso rei: uma vez que a Inglaterra é seu fiel tributário, uma vez que o amor entre eles deve florir como uma palmeira, uma vez que a paz ainda deve usar sua trigal coroa intermediando suas amizades, e muitos outros uma-vez-que muito importantes, que, visto e conhecido aquele conteúdo, sem discussão de espécie alguma, fossem os portadores executados imediatamente, sem tempo nem de confessar.

HORÁCIO – E selou como?

HAMLET – Ah, até nisso o céu me ajudou. Eu levei comigo o anel de sinete de meu pai, que serviu de modelo para o selo dinamarquês. Dobrei a página escrita na mesma forma da outra, assinei, coloquei o timbre, e devolvi com

segurança ao mesmo lugar. Não perceberam a troca. No dia seguinte, aconteceu a nossa batalha no mar e você já sabe o resto.

HORÁCIO – Então Guildenstern e Rosencrantz já foram.

HAMLET – Ah, meu amigo, eles fizeram de tudo para conseguir esse encargo! Os dois não me pesam nem um pouco na consciência. O fim que tiveram foi construído por eles mesmos. É um perigo quando a natureza mais baixa se põe no meio dos golpes e estocadas de adversários fortes.

HORÁCIO – Nossa, que rei é esse!

HAMLET – Você não acha que agora cabe a mim... Esse que matou meu rei e prostituiu minha mãe, se enfiou entre a sucessão e as minhas esperanças, que jogou o anzol para pescar a minha vida, e com tanta manha... não é questão de consciência acabar com ele com este braço? E não é um crime deixar esse cancro da natureza continuar fazendo o mal?

HORÁCIO – Ele logo vai ficar sabendo o que aconteceu na Inglaterra.

HAMLET – Não demora. Mas o intervalo é meu, e a vida de um homem não é mais que o tempo de se dizer “um”. Eu sinto muito, caro Horácio, ter perdido o controle com Laerte, porque a minha causa é o retrato da dele. Vou procurar a amizade dele. Só que, sinceramente, aquela exibição de dor me deixou furioso.

HORÁCIO – Espere! Quem vem vindo?

Entra o jovem Osric, um cortesão.

OSRIC – Sua Graça é muito bem vinda de volta à Dinamarca.

HAMLET – Agradeço humildemente, meu senhor. (*à parte, para Horácio*) Conhece essa libélula?

HORÁCIO – (*à parte para Hamlet*) Não, príncipe.

HAMLET – (*à parte para Horácio*) Está, então, em estado de graça, porque é um pecado conhecer esse sujeito. Tem muita terra, e fértil. E quando um animal é dono de animais, sua manjedoura fica na mesa do rei. É uma gralha, mas como eu disse, grande proprietário de terras.

OSRIC – Doce senhor, quando Sua Graça estiver disposta, gostaria de transmitir algo da parte de sua Majestade.

HAMLET – Eu recebo, meu senhor, com toda diligência de espírito. Use direito o seu chapéu. É na cabeça.

OSRIC – Obrigado, Sua Graça, está muito quente.

HAMLET – Não, acredite, está muito frio, esse vento do norte.

OSRIC – Um tanto frio, meu senhor, é verdade.

HAMLET – Mas sabe que eu acho que está é muito abafado e quente para mim.

OSRIC – Demais, meu senhor. Tão abafado como se... nem sei dizer. Mas, meu senhor, Sua Majestade me solicitou lhe comunicar que fez uma grande aposta no senhor. É esse assunto que...

HAMLET – Por favor, não esqueça. (*indica que ele deve pôr o chapéu na cabeça*)

OSRIC – Não, meu bom senhor, estou bem assim, juro. Senhor, Laerte acaba de chegar à corte. Acredite, é um perfeito cavalheiro, cheio das mais excelentes distinções, de trato muito afável e grande aparência. Na verdade, para falar com justiça, ele é o mapa e o calendário da nobreza, pois nele se encontra todo o continente que um cavalheiro deve explorar.

HAMLET – Senhor, ele nada perde na definição que o senhor lhe faz. Acho, porém, que fazer um levantamento dele haveria de deixar enjoada a aritmética da memória, e em nada ajudaria o seu barco veloz. Mas comprovando os seus louvores, acho também que ele é uma alma de grande valor, e sua essência tão especial e rara que, para falar a verdade, seu único semelhante é o seu espelho, e quem mais poderia seguir seus passos? Sua sombra, ninguém mais.

OSRIC – É infalível o que Sua Graça diz sobre ele.

HAMLET – E a que vem tudo isso, senhor? Por que envolver o cavalheiro em nosso mau hálito?

OSRIC – Como?

HORÁCIO – O senhor não consegue entender outra língua? Tente, meu senhor, tente.

HAMLET – Por que está mencionando esse cavalheiro?

OSRIC – Laerte?

HORÁCIO – (*à parte*) A bolsa dele já está vazia. Gastou todas as palavras brilhantes.

HAMLET – Ele, sim, senhor.

OSRIC – Sei que o senhor não ignora...

HAMLET – Sei que o senhor sabe disso, mas na verdade, isso não me recomenda. E então?

OSRIC - ... que o senhor não ignora a excelência de Laerte.

HAMLET – Isso eu não ousou confessar, para não ser comparado com ele em excelência. Mas conhecer bem um homem é conhecer bem a si mesmo.

OSRIC – Estou falando, senhor, da excelência dele na arma. Pelo que todos consideram, ele não tem igual. O senhor não ignora que Laerte é excelente em sua arma.

HAMLET – Que arma usa?

OSRIC – Florete e punhal.

HAMLET – São duas armas, então. Tudo bem.

OSRIC – O rei, senhor, apostou com ele seis cavalos bérberes, contra os quais ele exigiu, pelo que eu soube, seis floretes e punhais franceses, com seus acessórios, cinta, alça, etc. Três desses talabartes, juro, são muito finos, combinam muito bem com os punhos das armas, talabartes extremamente delicados, de criação muito rica.

HAMLET – O que o senhor chama de talabarte?

HORÁCIO – (*à parte para Hamlet*) Sabia que o senhor ia ter de aprender nas notas de pé de página antes de acabar.

OSRIC – Talabartes, senhor, são as correias.

HAMLET – A frase seria mais adequada para o assunto se a gente levasse canhões na cintura. Até aí, para mim, são alças mesmo. Mas continue! Seis cavalos bérberes contra seis espadas francesas, seus acessórios e três talabartes extremamente delicados: essa é a aposta francesa contra a dinamarquesa. Por que isso foi exigido, como você disse?

OSRIC – O rei, meu senhor, apostou que em doze passes entre o senhor e ele, ele não consegue três golpes de vantagem. Apostou doze contra nove, e a prova deve começar imediatamente, se Sua Graça conceder uma resposta.

HAMLET – E se eu responder não?

OSRIC – Quero dizer, meu senhor, se o senhor concordar em participar da prova.

HAMLET – Moço, eu vou ficar andando aqui pelo salão. Se Sua Majestade permite, é hora dos meus exercícios. Podem trazer as lâminas, se o cavalheiro quiser. E se o rei continuar querendo, venço a prova por ele, se puder. Se não, ganharei apenas minha vergonha e alguns toques de arma.

OSRIC – Devo transmitir assim mesmo?

HAMLET – Se o sentido for esse, pode, depois de florear de acordo com a sua natureza.

OSRIC – Minhas recomendações a Sua Graça.

HAMLET – Obrigado, obrigado.

Sai Osric.

Ele faz bem em se recomendar sozinho. Nenhuma outra boca faria isso por ele.

HORÁCIO – Esse filhote sai voando com a casca do ovo ainda em cima da cabeça.

HAMLET – Ele é daqueles que cumprimentava o peito antes de mamar. Ele e muitos outros da mesma ninhada, que a bobagem do nosso tempo tanto elogia, só pegou o tom da época e o lado superficial dos relacionamentos, como um amontoado de bolhas que flutua entre as opiniões mais sérias, mais seletas, mas basta soprar que as bolhas se desmancham.

Entra um cavalheiro.

CAVALHEIRO – Meu senhor, encarregado por Sua Majestade o jovem Osric retornou com o recado de que o senhor espera por ele aqui neste salão. Ele quer saber se o senhor continua disposto a enfrentar Laerte, ou se quer esperar um pouco mais.

HAMLET – Mantenho meu propósito. Obedeço à vontade do rei. Se ele está pronto, eu também estou. Agora ou quando for, contanto que eu esteja apto, como agora.

CAVALHEIRO – O rei, a rainha e a corte já estão vindo.

HAMLET – Em boa hora.

CAVALHEIRO – A rainha quer que o senhor receba bem Laerte antes do confronto.

HAMLET – É um bom conselho.

Sai o cavalheiro.

HORÁCIO – Vai perder essa aposta, meu príncipe.

HAMLET – Não acho. Desde que ele foi para a França, venho treinando sem parar. Com a vantagem, eu venço. Você não imagina como me dói o coração. Mas não importa.

HORÁCIO – Não, meu príncipe...

HAMLET – É uma bobagem. Um pressentimento desses que deixam as mulheres perturbadas talvez.

HORÁCIO – Se está sentindo algum desassossego, obedeça. Eu cuido para eles não virem e digo que não está preparado.

HAMLET – De jeito nenhum. Nós desafiamos esses sinais. Existe uma providência especial até na queda de um pardal. Se for agora, não será depois. Se não for depois, será agora. Se não for agora, ainda assim será. Estar pronto é tudo. Como ninguém sabe o que está deixando, que importa deixar antes da hora? Que seja.

Entram o rei, a rainha, Laerte, Osric e cavalheiros, com criados trazendo as armas e luvas, uma mesa e jarros de vinho.

REI – Venha, Hamlet, e aperte esta mão, por mim.

O rei põe a mão de Laerte na mão de Hamlet.

HAMLET – Me dê o seu perdão, Laerte. Eu te ofendi. Mas me perdoe, como cavalheiro. Os presentes sabem, e você deve ter sabido, como fui punido com uma dolorosa perturbação. O que eu fiz, que deve ter exasperado sua natureza, sua honra, suas objeções, aqui declaro que foi loucura. Foi Hamlet quem ofendeu Laerte? Hamlet nunca. Se o próprio Hamlet se ausenta, e quando não está em si ofende Laerte, então não é Hamlet quem age, Hamlet nega. Quem agiu então? A loucura dele. E assim sendo, Hamlet está do lado do ofendido. A loucura é do pobre Hamlet a inimiga. Laerte, diante dessa gente, aceite o esclarecimento de que o meu crime não foi intencional, e que, na sua grande generosidade, me libera do fato de ter atirado a flecha na casa e ferido meu irmão.

LAERTE – Eu me dou por satisfeito, quanto aos motivos que, neste caso, mais exigem minha vingança. Mas no que toca à minha honra, mantenho o que disse e

não aceito reconciliação, enquanto não receber de um mestre mais velho e de sabida honra uma declaração e um documento de paz que mantenha limpo o meu nome. Até então, recebo como afeto o seu afeto, que prometo honrar.

HAMLET – Eu aceito e entro com alegria nesse confronto fraterno. Tragam as armas. Vamos lá.

LAERTE – Uma para mim.

HAMLET – Eu vou servir de contraste para você, Laerte. Na minha ignorância, a sua habilidade haverá de se destacar como uma estrela na noite escura.

LAERTE – Está caçoando de mim, príncipe.

HAMLET – Não, pela minha mão.

REI – Entregue as armas a eles, Osric. Querido Hamlet, sabe da aposta?

HAMLET – Sei muito bem, meu senhor. Sua Graça apostou no lado mais fraco.

REI – Não temo por isso, já vi os dois lutarem, mas ele melhorou, por isso a sua vantagem.

LAERTE – Este é pesado demais. Deixe ver outro.

HAMLET – Este está bom. As armas são do mesmo comprimento?

OSRIC – Sim, senhor.

REI – Coloquem os jarros de vinho nessa mesa. Se Hamlet der o primeiro ou o segundo toque, ou reagir no terceiro assalto, que os canhões disparem de toda a muralha. O rei beberá à saúde de Hamlet, e jogará na taça uma pérola mais rica que aquela que é usada na coroa da Dinamarca há quatro reinos. Tragam as taças. E que o tambor fale com a trombeta, a trombeta com o canhão lá fora, o canhão com os céus, os céus com a terra: “O rei agora bebe à saúde de Hamlet”. Vamos lá, comecem. E vocês, juízes, olho aberto.

HAMLET – Em guarda, Laerte.

LAERTE – Em guarda, príncipe.

Esgrimem.

HAMLET – Um.

LAERTE – Não.

HAMLET – Juíz!

OSRIC – Um toque, um toque muito nítido.

LAERTE – Bom, de novo!

REI – Esperem. Me dêem uma taça. Hamlet, esta pérola é sua. À sua saúde.

Tambor, soam as trombetas, um tiro de canhão fora de cena.

Passem a taça para Hamlet.

HAMLET – Este assalto primeiro, deixe aí. Em guarda. *(Lutam)* Outro toque. O que diz?

LAERTE – Um toque, um toque, eu concordo.

REI – Nosso filho há de vencer.

RAINHA – Está suado, ofegante. Pegue, Hamlet, enxuge a testa com meu lenço. A rainha bebe à sua saúde, Hamlet.

HAMLET – Minha mãe!

REI – Gertrudes, não beba.

RAINHA – Bebo, sim. Por favor, desculpe. *(bebe)*

REI – *(à parte)* A taça envenada. Tarde demais.

HAMLET – Não quero beber ainda, mãe. Daqui a pouco.

RAINHA – Venha, deixe enxugar seu rosto.

LAERTE – Majestade, vou acertar agora.

REI – Não creio.

LAERTE – *(à parte)* E faço isso quase contra a minha consciência.

HAMLET – Vamos para o terceiro, Laerte! Você está só brincando. Por favor, ataque com toda força. Acho que está caçoando de mim.

LAERTE – Acha? Em guarda.

Lutam.

OSRIC – Nada de nenhum dos dois lados.

LAERTE – Tome agora!

Laerte fere Hamlet. Então, na luta corporal, trocam de armas e Hamlet fere Laerte.

REI – Separem os dois! Estão furiosos.

HAMLET – Não, em guarda! Outra vez!

A rainha cai.

OSRIC – Olhem, a rainha! Acudam!

HORÁCIO – Os dois estão sangrando. (*para Hamlet*) Como está, meu príncipe?

OSRIC – Como está, Laerte?

LAERTE – Ah, como um passarinho na minha própria armadilha, Osric. É justo que eu morra por minha própria traição.

HAMLET – Como está a rainha?

REI – Desmaiou quando viu sangue.

RAINHA – Não, não! O vinho, o vinho! Oh, meu querido Hamlet! O vinho, o vinho! Veneno. (*morre*)

HAMLET – Oh, infâmia! Tranquem as portas! Um traidor! Procurem!

Laerte cai.

LAERTE – Ele está aqui, Hamlet. Hamlet, você está ferido. Nenhum remédio do mundo pode te salvar. Não tem nem meia hora de vida. O instrumento traiçoeiro está na sua mão, sem proteção, envenenado. Mas o ato criminoso virou-se contra mim. Olhe, estou caído, para nunca mais levantar. Sua mãe foi envenenada. Não posso mais... O rei, o rei é o culpado.

HAMLET – A espada envenenada também? Então, veneno, faça o seu trabalho.

Fere o rei.

TODOS – Traição! Traição!

REI – Ah, me defendam, meus amigos! Eu estou só ferido.

HAMLET – Tome, incestuoso, assassino, maldito rei da Dinamarca, beba esta poção! Sua pérola está aqui? Vá com minha mãe.

O rei morre.

LAERTE – Teve o que merecia. Esse veneno, ele mesmo preparou. Troque o seu perdão com o meu, nobre Hamlet. Que a minha morte e a morte de meu pai não caiam sobre você, nem a sua sobre mim!

Morre.

HAMLET – Que o céu te perdoe! Eu te acompanho. Vou morrer, Horácio. Pobre rainha, adeus! Vocês que assistem a esta cena, pálidos, trêmulos, que são apenas figurantes ou platéia desta peça, se eu tivesse tempo, se a dura morte não fosse rigorosa no seu ato, oh, eu podia contar... Mas deixe estar. Horácio, estou morrendo. Você vive. Conte aos insatisfeitos a verdade sobre mim e minha causa.

HORÁCIO – Não espere por isso. Pareço mais um romano antigo do que um dinamarquês. Ainda sobra veneno aqui.

HAMLET – Se você é um homem, me dê essa taça. Largue! Por Deus, eu fico com isso. Oh, meu bom Horácio, que nome mais comprometido viverá depois de mim, se a história continuar desconhecida! Se algum dia me guardou no seu coração, esqueça ainda um pouco a felicidade e, neste duro mundo, suporte a dor do seu alento para contar a minha história.

Marcha ao longe, um tiro fora de cena.

O que é esse barulho de guerra?

OSRIC – O jovem Fortinbras, voltando vitorioso da Polônia, faz essa salva de tiros aos embaixadores da Inglaterra.

HAMLET – Ah, Horácio, estou morrendo! A força do veneno canta vitória sobre a minha alma. Não vou viver para saber as notícias da Inglaterra, mas minha previsão é que o escolhido será Fortinbras. Para ele o meu voto moribundo. Então conte a ele, com todas as ocorrências, maiores e menores, que me levaram... o resto é silêncio.

Morre.

HORÁCIO – Assim explode um nobre coração. Boa noite, doce príncipe, e que revoadas de anjos cantem para o seu descanso!

Marcha fora de cena.

Por que esses tambores vêm para cá?

Entra Fortinbras com os embaixadores ingleses e tambores, bandeiras, criados.

FORTINBRAS – Onde está essa cena?

HORÁCIO – O que o senhor quer ver? Se é tristeza ou espanto, cesse a sua busca.

FORTINBRAS – Estes despojos falam de um massacre. Oh, morte orgulhosa, que festim se prepara em seu eterno aposento para derrubar de um só golpe tantos príncipes?

EMBAIXADOR – Triste espetáculo. Nossas notícias da Inglaterra chegam tarde demais. Estão surdos os ouvidos que nos ouviriam contar que sua ordem foi cumprida, que Rosencrantz e Guildenstern estão mortos. Quem vai nos dar os agradecimentos?

HORÁCIO – Não essa boca, se ainda tivesse nela a capacidade da vida para agradecer. Ele nunca ordenou a morte dos dois. Mas já que aqui chegam logo depois dessa questão sangrenta, vocês da guerra com a Polônia, vocês da Inglaterra, ordenem que esses corpos sejam expostos ao povo, e permitam que eu revele ao mundo como as coisas aconteceram. Não ouvir falar de atos carnais, sangrentos, anti-naturais, de julgamentos apressados, assassinatos acidentais e mortes provocadas com astúcia. E, para encerrar, confusas conspirações caindo sobre as cabeças dos conspiradores. Tudo isso eu contarei com fidelidade.

FORTINBRAS – Vamos ouvir, depressa. E chame todos os mais nobres para ouvir também. É com tristeza que aceito o meu destino. Tenho direitos sobre este reino, não me esqueci, que agora sou levado a reivindicar.

HORÁCIO – Falarei disso também, e pela boca daquele cujo voto outros votos trará. Mas que seja agora mesmo, mesmo que os ânimos estejam ainda perturbados, antes que erros e enganos possam provocar outras desgraças.

FORTINBRAS – Que quatro capitães carreguem Hamlet como soldado até a praça. Tudo indica que, se tivesse sido coroado, seria um grande rei. E que a música dos soldados e os ritos de guerra falem em alto som de sua morte. Levem os corpos. Esta é uma cena de batalha campal, fica deslocada neste local. Vá, que os soldados disparem.

Saem marchando, logo se ouve uma salva de canhões.

FIM

Atibaia, janeiro/abril de 2002